



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSEFA ZELIA DA SILVA VASCONCELOS

**PROTESTANTISMO E ATUAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DE CASO DA
IGREJA EVANGÉLICA BATISTA SHALOM EM CAMPINA GRANDE - PB**

**Campina Grande - PB
2015**

JOSEFA ZELIA DA SILVA VASCONCELOS

**PROTESTANTISMO E ATUAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DE CASO DA
IGREJA EVANGELICA BATISTA SHALOM EM CAMPINA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Departamento do Curso de
Licenciatura Plena em História, da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito exigido para a obtenção do grau de
Graduação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lúcia Freire
Monteiro

**Campina Grande – PB
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V331p Vasconcelos, Josefa Zelia da Silva
Protestantismo e atuação feminina [manuscrito] : um estudo de caso da Igreja Evangélica Batista Shalom em Campina Grande - PB / Josefa Zelia da Silva Vasconcelos. - 2015.
63 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Lúira Freire Monteiro,
Departamento de História".

1. Religião Protestante 2. Igreja Batista 3. Mulher 4.
Mudança Social I. Título.

21. ed. CDD 286

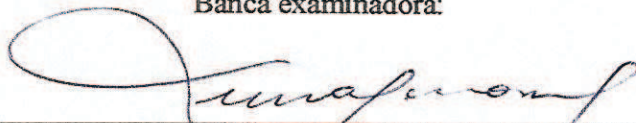
JOSEFA ZELIA DA SILVA VASCONCELOS

**PROTESTANTISMO E ATUAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DE CASO DA
IGREJA EVANGELICA BATISTA SHALOM EM CAMPINA GRANDE - PB**

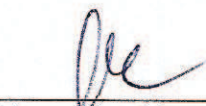
Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciatura Plena em História, sendo aprovado em sua forma final.

Aprovada em 19/06/2015

Banca examinadora:



Professora Prof^a Dr^a Lúcia Freire Monteiro
Departamento de História – UEPB
Orientadora



Prof. MSc. Matusalém Alves de Oliveira
Departamento de História – UEPB
Examinador

Prof. MSc. Cleófas Lima Alves Jr.
Departamento de História – UEPB
Examinador

**Campina Grande - PB,
Junho de 2015.**

Dedico esse trabalho com todo meu amor ao meu esposo Ailson Tavares, e aos meus filhos queridos: Priscila Vasconcelos e Edson Vasconcelos, que são minhas bênçãos dadas por Deus, em agradecimento por todo apoio incondicional e por toda compreensão em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Reservo este espaço para agradecer especialmente à minha querida orientadora, Prof^a Dr^a Luira Freire Monteiro.

Por sua generosa contribuição nesse valioso trabalho, partilhando seus conhecimentos com competência, dedicação, atenção, responsabilidade e paciência.

Obrigada por está sempre disponível em todos os momentos que precisei me incentivando e apoiando, principalmente nos momentos de ansiedade, insegurança e exaustão.

Por sua preciosa atenção e cuidado, serei sempre muito grata.

Que Deus a abençoe sempre!

AGREDECIMENTOS

A Deus, que me direcionou para o ingresso e término desse curso de graduação, me dando sabedoria, serenidade e fé, para enfrentar todas as contrariedades encontrada nessa caminhada. A ELE, toda honra e glória. **Obrigada meu Senhor!**

A minha mãe, que apesar de todas as dificuldades sempre me incentivou a estudar.

As minhas queridas irmãs: Cida, Nena, França, Nilda, Rosilda, Rosilma, Fernanda, Patrícia e Andrea, por todo carinho, compreensão, incentivo e apoio em todos os momentos.

Aos meus queridos amigos, sempre presentes e felizes por minhas conquistas, em especial, Joedson Carlos, Isaque Batista (Genro) e Claudia Fernandes (Nora), a todos meu carinho.

Aos Professores MSc. Matusalém Alves de Oliveira e MSc. Cleófas Lima Alves Jr. por suas valiosas contribuições como examinadores do meu trabalho na banca de defesa.

As mulheres da Igreja Evangélica Batista Shalom, sujeitos da pesquisa, que contribuíram generosamente para realização desse trabalho.

Aos meus colegas que fizeram parte da turma de graduação, por partilhar momentos agradáveis e inesquecíveis.

Aos demais familiares, colegas de trabalho e a todos que de forma direta ou indireta fazem parte da minha vida.

Enfim, a todos, meu sincero obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a atuação feminina na igreja protestante. Possibilitando compreender, refletir e discutir a religiosidade e as transformações sociais, que permeiam a sociedade e a inserção da mulher nos espaços de liderança na religião, de uma Igreja Protestante na Zona Leste na Cidade de Campina Grande – PB. Utilizamos de vários pressupostos teóricos para fundamentar a pesquisa qualitativa, que contou com questionários para análise e interpretação dos dados levantados. Contamos com diversas referências historiográficas que abordam a temática em discussão, tais como, Perrot (2008), Hall (2006), Bourdieu (1999), Luizetto (1989), Del Priori (1997), Alves (2000), Reis (2000), Cruz (2013), Cisne (2012), Costa (2010), Borborema (2014), Monteiro (2007), Freitas Junior (2010), entre outros. A pesquisa constatou que mesmo reconhecendo alguns avanços relacionados aos espaços de liderança feminina na Igreja pesquisada, a mulher ainda, mesmo que de forma velada e subjetiva, está subjugada a proeminência masculina. Os discursos religiosos e práticas sociais na Igreja ainda se encontram restrita a visão matrimonial, ou seja, suas funções estão voltadas para prática de prestação de Serviços e ajudadoras dos esposos no ministério. Portanto, verificamos a necessidade real dessas mulheres transporem a dialética subjetiva e tradicional implicitamente provocada pela religião, afim de empoderar-se da vontade de alcançar espaços de liderança para uma atuação proativa na religião e na sociedade, independente da agregação do gênero masculino.

Palavras-Chaves: Religião Protestante. Mulher e Liderança. Mudanças Sociais. Relações de Gênero.

ABSTRACT

This work has as its main objective to analyze, reflect and discuss the religiosity and social transformations, that permeate society and the insertion of women in leadership in religion, of a Protestant Church on the East side in the city of Campina Grande-PB. We use several theoretical assumptions to support the qualitative research, questionnaires for analysis and interpretation of data collected. We have several historiographical references that discuss the subject under discussion, such as Perrot, (2008), Hall (2006), Bourdieu (1999), Luizetto (1989), Del Priori (1997), Alves (2000), Reis (2000), Cruz (2013), Cisne (2012), Costa (2010), Borborema (2014), Monteiro (2007), Freitas Junior(2010), among others. The research found that even acknowledging some advancements related to female leadership searched Church spaces, the wife, even if subtly and subjective, is subdued men's prominence. Religious discourses and social practices in the Church, is still restricted to marriage vision, that is, their functions are focused on service delivery and practice aid of spouses in the Ministry. Therefore, we can see the real necessity of these women cross the subjective dialectics and traditional implicitly caused by religion, in order to empower themselves to achieve leadership for spaces a proactive in religion and in society, independent of the male aggregation.

Keywords: Protestant Religion. Women and leadership. Social Changes. Gender relations.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1.0 – O PROTESTANTISMO NAS DOBRAS DA HISTÓRIA.....	15
1.1 – Inquietações Religiosas: Questionamentos de Lutero às Doutrinas da Igreja Católica e fomentação de suas Teses.....	19
1.2 – Por uma nova ordem de adoração: A Reforma Religiosa na Europa Ocidental.....	23
1.3 – O Protestantismo e suas variadas faces.....	25
2.0 – BRASIL: COLONIALISMO, IMPERIALISMO E REPÚBLICA NA RELIGIÃO	28
2.1 - Sociedade Brasileira em Transformação – Emigrantes Protestantes.....	29
2.2 – Brasil: Multiculturalismo, Gênero, Identidades e Religiosidade.....	31
2.3 - Igreja e atuação feminina: Novos tempos?	33
3.0 – A MULHER PROTESTANTE E SUAS CONQUISTAS NOS ESPAÇOS DE LIDERANÇA.....	38
3.1 – Mulheres Protestantes: Protagonistas de suas próprias vidas	41
4.0 – PROTESTANTISMO, PODER E MULHERES NO INTERIOR DA PARAÍBA..	44
4.1. Novas Igrejas ou novas oportunidades?.....	46
4.2 - Mulher Protestante: Atuação e desafios na Igreja Evangélica Batista Shalom	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICES	59

INTRODUÇÃO

A religião Ocidental é marcada historicamente por uma liderança clerical numa proeminência masculina. Mesmo com as transformações que ocorreram dentro das religiões católica e protestante, os espaços de destaque dos cargos de liderança não sofreram quase nenhuma alteração por muito tempo, os diversos postos de comando eram exclusivos dos homens.

Todavia com o devir em curso nas sociedades, principalmente com o processo de modernização ao longo da historicidade, esse quadro vem modificando o pensamento dos sujeitos históricos em relação a sua existência terrestre e as experiências de sociabilidades, que paralelamente a essas questões a sociedade contemporânea vivencia uma dinâmica e complexa ruptura de paradigmas, conceitos e valores comportamentais, devido ao intenso e profundo desenvolvimento das tecnologias das comunicações e informações, que disseminam conhecimentos em uma proporção nunca vista antes.

Esse processo de avanços das tecnologias das informatizações vem cotidianamente modificando a sociedade, no que concerne a mentalidade, saberes, conhecimentos que regem a vida das pessoas na sociabilidade diária. Com essas mudanças que atingem praticamente todos os setores da população, lança inquietações, questionamentos, crises de paradigmas e de identidades, características da sociedade atual.

O contexto social contemporâneo emergiu várias indagações onde tudo é passível de se interrogar, devido a vastas obras de muitos intelectuais de diversas áreas das ciências dedicarem tempo estudando e refletindo a sociedade, culminando com uma contribuição inestimável para o processo de mudança necessária e desejada na sociedade.

A partir dos estudos publicados, requer dos sujeitos um novo olhar e atitudes para a vida social, é sabido que em muitos casos só o conhecimento e o acesso a este, não possibilita mudar a realidade cristalizada naturalmente construída no decorrer da historicidade da humanidade, nesta situação os sujeitos precisam se organizarem e mobilizassem para lutar por suas ideologias, direitos e conquistas mesmo que os resultados sejam paulatinos, eles são visíveis como é percebido no caso da atuação de mulheres na liderança de cargos importantes, fruto de uma luta de várias frentes no direito, nas políticas públicas, no afã de mudança de pensamento e subjetividades. Historicamente as lutas da mulher na sociedade vêm abrindo espaço de poder para o gênero feminino, ser realizado de maneira mais equânime e equilibrado no contexto social, isso se dá, devido aos novos entendimentos e conhecimentos que homens e mulheres estão tendo acesso, das novas concepções de saberes refletindo a

sociedade. Isto ocorre concomitantemente com as novas demandas das mulheres, sendo fruto dos embates dos movimentos sociais que eclodiram em diversas partes do globo terrestre, trazendo o protagonismo proativo de muitas mulheres, por agirem em várias áreas de trabalho na sociedade, que por muito tempo negou os espaços de atuação e inferiorizou o gênero feminino com diversos discursos, inclusive com a interpretação de uma hermenêutica¹ da bíblia que favorecia o discurso masculino, onde colocava este, como elo do sagrado.

Esta prática discursiva e comportamental proeminentemente patriarcal, deixou para a mulher o estereótipo da submissão, discriminação e preconceito, sucumbindo o direito deste gênero de exercer funções importantes, tanto na sociedade como também na questão religiosa.

Nesse sentido, surgiu de minha vivência e observação religiosa no Ministério Protestante, a necessidade de analisar a atuação feminina dentro da Igreja, ao qual percebi na Igreja que frequento que diversos cargos importantes são exercidos por mulheres, diferentemente do que está escrito em diversas literaturas, inclusive no viés da exegese² bíblica tradicional que foi construída numa vertente patriarcal, orientando diferentes doutrinas religiosas cristãs. Com estas observações me defronto numa problemática que gera uma inquietude, brotando a necessidade de realizar um estudo histórico sobre a questão da religião e da inserção da mulher em cargos de lideranças, e como estas se sentem nas funções que foram conquistadas.

Esse cenário justifica a realização desta pesquisa que tem como objetivos, estudar a literatura historiográfica e discutir as questões da religiosidade e de gênero, como também analisar e refletir a importância das estratégias e táticas fomentadas pelas mulheres, para conquistar espaços de liderança na sociedade e no campo da religião.

Os procedimentos metodológicos aqui adotados serão por meio de investigação através de pesquisa qualitativa, por considerarmos que desenvolveremos um estudo, relacionado à investigação das mudanças nos fenômenos humanos sociais, buscamos a compreensão e interpretação construídas pelos sujeitos históricos, das ações/interrelações vivenciadas, e suas interações dentro de uma sociedade complexa e heterogênea no que diz respeito o pensamento humano. Utilizaremos ainda, uma revisão de literatura historiográfica, explicativa e exploratória, pois utilizamos de um arcabouço epistemológico produzidos da compreensão e interpretação de saberes resultantes das ações humanas, fenômeno, ou conceito social.

¹ Hermenêutica provem do grego “hermeneuein” ramo da filosofia que estuda a teoria da interpretação.

² Exegese é a interpretação e análise profunda de um texto, considerando o contexto histórico, social, cultural, em que ele foi escrito.

Conforme Pires (2008), a pesquisa qualitativa é caracterizada por sua flexibilidade de adaptação do objeto construído, e pela capacidade de ocupar-se de construções complexas heterogêneas e combinar harmonicamente diferentes técnicas, em práticas eficientes de descrever com profundidade vários aspectos da vida social, cultural e das experiências vividas.

Utilizaremos na coleta de dados informações que direcionem a abordagem do estudo, que discute a atuação da mulher protestante enquanto liderança na igreja, e evidencia a constituição e transformação social. Neste contexto descreveremos o lócus, uma igreja protestante situada na zona leste na cidade de Campina Grande – PB. As informações da pesquisa foram levantadas e trabalhadas na sondagem dos sujeitos respondentes dos questionários, como também na observação histórica, e vivenciada na instituição local religiosa da pesquisadora.

Trata-se de um estudo, envolvendo mulheres consagradas na Igreja Evangélica IEBS. Utilizamos como instrumento, entrevistas/depoimentos e a observação participante em cultos e cerimônias religiosas, bem como pesquisa bibliográfica acerca de relações de gênero e religião, buscando assim, levantamentos em diversos documentos tais como, livros/Obras teóricas, artigos, dissertações de mestrado, monografias e sites de referência sobre a temática. Todos esses conjuntos de fontes investigativas se constituem como passo decisivo em qualquer pesquisa científica, as quais se apropriam de diversos conceitos utilizados por autores de referência como, Perrot (2008), Hall (2006), Bourdieu (1999), Luizetto (1989), Del Priori (1997), Alves (2000), Reis (2000), Cruz (2013), Cisne (2012), Costa (2010), Borborema (2014), Monteiro (2007) dentre outros.

Os dados coletados fazem parte da atividade, interpretação e conhecimentos destes sujeitos, que se constroem através das suas vivências e de suas sociabilidades. Para Martins Junior (2014), o princípio da metodologia científica consiste em uma reflexão acerca do conjunto de métodos lógicos, utilizados no desenvolvimento da pesquisa e na inovação fomentada pela capacidade de criar, inovar, ressignificar e transubstanciar práticas que faz parte do cotidiano de todos.

Tendo em vista que a abordagem metodológica é hermenêutica, característica histórica, no modo de produzir o conhecimento conceitual dos fatos e dos espaços sociais perpassados ao logo do tempo, informamos que para o desenvolvimento deste trabalho monográfico, nos apoiamos na temática de estudiosos especialistas como, também no desenvolvimento dos depoimentos das respondentes, no que diz respeito, as informações e ações apresentadas pelos sujeitos da pesquisa.

Desse modo, como instrumento de coleta das informações, fizemos uso de um questionário constituído de um roteiro semi-estruturado com perguntas norteadoras do tema proposto, porem suscitando que os mesmos falem livremente sobre suas experiências vividas, seus comportamentos, suas conquistas e suas interpretações a partir do olhar histórico e bíblico, num seguimento não quantitativo, tendo em vista que, o universo de significados, aspirações, crenças e valores estão pautados em um espaço mais profundo das relações, dos processos de transformações e dos fenômenos sociais. Neste sentido, designaremos para identificação das mulheres respondentes as seguintes nomenclaturas: para ministras (M)³, para diaconisa (D1)⁴ e (D2), para líder de conselheiros (LC)⁵, para líder de departamento de missões (LDM)⁶, para mulher do pastor (MP1)⁷ e (MP2).

Nosso trabalho traz, portanto, dados construídos por uma investigação caracterizada também como uma pesquisa ação, com enfoque na área da religião e lugares ocupados pelo gênero feminino na instituição religiosa protestante, buscando a concretude das informações coletadas dos sujeitos envolvidos, objetivando descrever as inflexões históricas da sociedade e os embates da mulher para conquistar os espaços de atuação enquanto liderança, em todos os âmbitos sociais, especificamente na Igreja Protestante.

Nesta perspectiva essa pesquisa é relevante devido sua contribuição do ponto vista científica e social, apontando as mudanças na sociedade, à luta e conquista que as mulheres vêm desenvolvendo historicamente na humanidade, conseguindo a garantia de direitos e igualdade principalmente no que diz respeito a cargos de liderança nos âmbitos religiosos.

A mulher vem ao longo de sua historicidade, forjando os lugares concebidos pelos homens utilizando de vários mecanismos estratégicos para transformar a vida em sociedade, impondo-se nesta, em diferentes campos de atuação, como se percebe a mulher migrou do espaço privado para o público e exerce funções cada vez mais importantes como liderança religiosa, principalmente na igreja protestante, muitas mulheres conquistaram posto de pastora cargo que deixou de ser exclusivo do gênero masculino, isso é possível através das lutas travadas historicamente na trajetória de vida de mulheres guerreiras, que combateram os preconceitos e valores que norteavam a sociedade patriarcal.

³ (M) Ministra - mulher que ministra a palavra no púlpito.

⁴ (D) Diaconisa – mulher que cuida de toda direção do culto.

⁵ (LC) Líder de Conselheiro (a) - mulher que cuida dos aconselhamentos.

⁶ (LDM) Líder de Departamento de Missões – Mulher que dirige, promove conferências, resolve o que está relacionado a missões.

⁷ (MP) Mulher do Pastor – mulher que atua em várias atividades na Igreja, inclusive ajudando a gerir o ministério.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como questão-problema, que orienta sua análise e seus objetivos, a seguinte proposição: De que modo a mulher protestante analisa sua ascensão na atuação feminina na Igreja, referentes aos cargos de liderança?

Para o desenvolvimento deste trabalho, realizamos estudos e recortes de literaturas historiográficas, para entender através de um paralelo entre as construções dos contextos históricos e as escrituras da bíblia sagrada, partindo do ponto de vista político social e religioso, utilizando diferentes técnicas combinadas, para explicar um cenário de complexidade da sociedade que traz a primazia de uma ordem estabelecida, com seguimentos determinados.

1.0 – O PROTESTANTISMO NAS DOBRAS DA HISTÓRIA

Ao longo da construção histórica da humanidade, diversos instrumentos ideológicos foram e são ainda usados para legitimar o poder. A Religião é um dos instrumentos que causa maior impacto nas sociedades, por estar associada à moral, a valores e ao íntimo de cada indivíduo. Ela tem o poder de mover e transformar lugares sociais atrelada ao homem e, ou, as instituições que compõem as sociedades.

Instituição como a Religião, está entrelaçada nas relações familiares, políticas e sociais da vivência do indivíduo, pois a religião se trata de uma realidade de vida como também de uma realidade cultural, que transpõe lapsos temporais e sobrevivem às secularizações políticas e sociais. Segundo ZILLES (1991), Suas dimensões se estendem no homem, tanto internalizando sua fé e suas práticas religiosas, como também externalizando suas obrigações conceituais de convivência para com a sociedade que se vive.

A partir do pensamento de MARQUES (2005), observamos que a história das religiões não é mera disciplina, é o entender e o explicar, o encontro do homem com o sagrado, e assim percebemos a pluralidade interpretativa das escrituras sagradas, aqui, a Bíblia Sagrada Cristã. Ainda segundo MARQUES (2005), a religião em sua Gênese, é uma determinação da vida humana, pois cada sujeito busca sua própria manifestação do sagrado, com o objetivo de encontrar a união do espírito com as causas de sua existência física, saber o que ela revela e o que significa, e assim vemos que;

A religião, é teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizontes dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza [...] para se fazerem sentir e valer[...] do desejo, da vontade, da atividade prática (práxis) dos homens. (ALVES, 2000. p. 24, 25).

Para ALVES (2000), a religião é indubitavelmente próxima de nossa experiência pessoal, e trás em sua essência dominante, toda a simbologia subjetiva própria do homem, sua formação moral e seus valores, como também o seu espiritual pelo seu próprio querer, pois o homem não é só corpo, ele é corpo e mente, sendo assim, pensante pela sua própria natureza humana ele faz seu próprio corpo, constrói e reconstrói seu próprio conjunto carnal, moral e espiritual com os retalhos de suas vivências.

Comprendemos aqui, que o sagrado absorve símbolos e signos necessários a existência da religião, como algo palpável, existencial e sequencial em grau de importância relacionados à sua existência, atribuindo-lhe poderes que exprimem não só seus destinos, como também sua vida e sua morte magicamente integrados ao homem.

Partindo das leituras de ALVES (2000), e observando a história do Cristianismo, percebemos que a Igreja Católica trabalha os objetos como as relíquias sagradas, numa dimensão que transubstancia essas relíquias para uma realidade invisível, abstrata, ou seja, para bens espirituais, e assim fundamentar a prática das simonias, neste sentido um objeto sagrado palpável, como por exemplo, espinho da coroa de Cristo, adquiria uma conotação simbólica que transpunha do real palpável para o subjetivo, onde o indivíduo ao adquirir esse objeto sagrado, passaria a sentir todo seu emocional, toda sua esperança, toda sua crença, como se fosse algo que pudesse se dependurar, e assim;

O discurso religioso pretende fazer com as coisas: transforma-las, de entidades brutas e vazias, em portadora de sentido, de tal maneira que elas passem a fazer parte do mundo humano, como se fossem extensões de nós mesmos [...] relatando a transformação das coisas profanas em sagradas [...] A religião é construída pelos símbolos que os homens usam. (ALVES, 2000. P.29).

Nesse contexto, constatamos que herdamos da construção do processo histórico da religião cristã, uma herança simbólica religiosa, que trabalhava no homem, uma dicotomia do Bem e do Mal, inculcava na população a punição do purgatório pelo pecado e a salvação pelas boas obras. Assim, aquele que era obediente às práticas religiosas e aos sacramentos da Igreja estaria salvo.

Porém, essa obediência estava relacionada à prática das Indulgências, das Simonias⁸ e da total aceitação aos dogmas da Igreja, sem contestações ou questionamentos, a fim de não ser acusado de herege e conseqüentemente pagar pela heresia⁹ na fogueira ou nas torturas, através da Inquisição¹⁰ entre outros elementos utilizados pela Igreja, características do Cristianismo Medieval na Europa Ocidental. Nesse período histórico (Medievo) o Cristianismo era vivido e sentido aos extremos tudo era de forma exacerbada;

Tudo girava em torno de uma temática que unificava todas as coisas: o drama da salvação, o perigo do inferno, a caridade de Deus levando aos céus as almas puras... o lugar das moradas do demônio e as coordenadas das mansões celestiais dos bem aventurados... Deus protegia aqueles que o temiam, e as desgraças e pestes eram por Ele enviadas como castigos para o pecado e a descrença. (ALVES, 2000. P. 42).

Com esse discurso religioso, a Igreja Católica Cristã se punha acima do bem e do mal no período medieval, ditava todas as regras da sociedade que se encontravam fragmentadas, garantindo a unidade religiosa, política, e cultural. Na instância da fé, ditava a ordem social aplicando suas verdades religiosas e salvadoras no discurso visível de poder.

⁸ Simonia é a venda de favores divinos, bênçãos, cargos eclesiásticos, prosperidade material, bens espirituais, coisas sagradas, perdões, objetos unguídos etc.

⁹ Heresia doutrina considerada falsa em relação a que é considerada por uma igreja.

¹⁰ Inquisição Tribunal eclesiástico Instituído na idade média, destinado a punir os que se desviassem das crenças e normas impostas pela igreja católica.

Tudo passava pelo seu controle. Nascer, morrer, festejar, pensar, ou seja, tudo que fazia parte da vida humana.

Ressaltamos que no período medieval, aqui falando, século XVI, a população era induzida à obediência e a completa submissão aos dogmas da igreja, pela forte aliança com o poder de Roma que, historicamente fez acordos com diversos Estados, com o objetivo de manter estreitas ligações na defesa de interesses comuns, religiosos, políticos e econômicos, visando o fortalecimento da Igreja Católica.

Em muitos espaços geográficos, a Igreja concedeu grandes poderes aos chefes de Estado. Esses eram considerados grão-mestres que detinham o poder político e também o poder espiritual, sobre os seus súditos, e deles podiam exigir doações e taxas para a Igreja.

Essa aliança trouxe enorme vantagem política e econômica, além de fortalecer o Estado que inclusive utilizava o poder de coerção, forçando o compartilhamento da mentalidade religiosa dos governantes, para a sociedade ter um pensamento comum aos católicos de seu tempo, caso isso não ocorresse, “todo o não católico era considerado inimigo, infiel, aliado do demônio, um perigo para a unidade religiosa desejada por Roma”. (DEL PRIORI, 1997, p. 19).

Segundo DEL PRIORI (1997), as pessoas que pensava a religião fora dos dogmas de Roma, deveriam ser tratadas com rigor e violência, igual a que foram tratados os mouros, a religião serviu no passado para discriminar, perseguir, punir, separar, impondo seu poder para consolidar a igreja católica como instituição religiosa oficial. Esta usou de rígidas e severas práticas para manter sua doutrina e seus dogmas utilizando-se até de regimentos, ou seja, documento que continha as diretrizes políticas, jurídicas e administrativas, inclusive criou a Inquisição que policiou a sociedade e agiu com as mais perversas práticas em vários lugares da Europa ocidental, com escopo para seu funcionamento fluir de acordo com os seus ideais.

Ainda contribuindo com essa questão do autoritarismo da igreja católica que se utilizava do nome de Deus para a violência praticada, contamos com o pensamento de ZILLES (1991), para percebermos que nessa concepção é importante destacar, que a repressão religiosa inibiria a transgressão da ordem estabelecida, cujo homem reprimido renunciava seus impulsos e seus desejos. “A religião aparece como temor e medo do castigo e desejo de consolo. É a resposta à dureza da vida. Com isso, a religião é um aspecto neurótico da cultura.” (ZILLES, 1991, p. 147).

A partir das leituras de DEL PRIORI (1997), vimos que a Igreja com o intento de efetivar seu domínio doutrinário nos diversos espaços sociais que alcançou, quis suplantar as outras crenças e para consolidar os seus ideais, estabeleceu diversos mecanismos para

combater pensamentos e atitudes antagônicos ao que ela pregava. Dentre os mecanismos estabelecidos, verificamos a criação de uma jurisdição, ou seja, poder atribuído a uma autoridade para fazer cumprir determinadas leis, numa certa área e punir quem as infrinja, como verificamos com a assertiva de LUIZETTO:

A Inquisição sob a forma de Santo Ofício [...] mecanismo de “pressão” utilizado pela Igreja para desencorajar a liberdade de pensamento, conter as “heresias” e liquidar os inimigos reais ou potenciais. (LUIZETTO, 1989, p. 54).

Com a contribuição de Luizetto, verificamos a práxis da igreja católica, numa tentativa de aniquilar o pensamento divergente do que era apregoado por essa instituição. Ela se utilizou de vários meios possíveis, como por exemplo, a inquisição, persuasão e também, introjetou em seus fieis, uma intolerância às outras crenças que não fosse o catolicismo, construindo um fanatismo religioso, fundamentado em uma mentalidade que não via limites de sua atuação, usou de uma onda de perseguições, chacinas e de uma ostensiva ação de violência generalizada. (LUIZETTO, 1989).

Nessa perspectiva foi observado pela ótica de Luizetto, que somadas a essas perseguições, estavam também os abusos clericais no que diz respeito ao comércio de indulgência e relíquias sagradas como também apropriação de terras, abrindo precedentes para a falta de controle e de organização. Concomitantemente é notória a exposição pública da Igreja, revelando que sua doutrina repressora estava sendo questionada.

A sociedade estava cansada de ouvir a igreja pregar uma coisa e fazer outra, causando um sentimento paradoxal no homem, uma vez que, o indivíduo estava vivendo uma religiosidade sem avivamento, sem sentido, sem profundidade, e ao mesmo tempo praticava atos de caridade na mais exacerbada expressão de piedade cristã, no intuito de aquietar sua alma como compensação por não sentir mais a religiosidade exposta pela teologia católica do Século XVI.

Nesse contexto, os assuntos religiosos tornaram-se tão corriqueiros que o indivíduo estava tanto para o sagrado quanto para o profano com a mesma intensidade, onde muitas vezes tudo se misturava se banalizava e ficava sem sentido no íntimo de cada um, causando inquietudes, incertezas, frustrações, ocorrendo assim diversos questionamentos divergentes da vivência religiosa, o que acarretou vários movimentos contra o discurso religioso vigente, principalmente no que diz respeito às indulgências e as relíquias sagradas que eram questionadas por membros da própria Igreja, que foram silenciados por isso não alcançaram tanto êxito quanto Lutero (LUIZETTO, 1989).

1.1 – Inquietações Religiosas: Questionamentos de Lutero às Doutrinas da Igreja Católica e fomentação de suas Teses

Para compreendermos o processo da Reforma Protestante, é fundamental nos lançarmos nos contextos precedentes desse acontecimento religioso, para verificarmos o que contribuiu para a culminância da ruptura do cristianismo e o surgimento do Protestantismo, evento que marcou profundamente a história do mundo Ocidental. (LUIZETTO, 1989).

No Século XVI, na Europa Ocidental assolava uma grande crise social, que abrangia não só a religião Cristã como também a política, a economia a sociedade como um todo. Era angustiante observar as necessidades afloradas na população que não via saída para as problemáticas enfrentadas a partir do discurso religioso que não respondia a conjuntura social vivenciada, permeada de conflitos de diversa natureza e de interesses ideológicos antagônicos.

Nessa época, a Europa Ocidental estava assolada por muitas misérias materiais e espirituais, guerras, epidemias, fome, pandemias como a peste negra, doença transmitida ao homem através das pulgas dos ratos, mais conhecida como peste bubônica, entre outros problemas emergentes, que paulatinamente permeavam a sociedade. “Em síntese, ocorreu uma cadeia de catástrofes e tragédias, que marcou os séculos XIV e XV perpassando para o XVI, gerando pânico, terror e medo na população imprimida por um cenário desolador, em virtude da miséria e das dificuldades”. LUIZETTO (1989, p. 37).

Diante do quadro social vivenciado pela população europeia, que estava mergulhada num caos sem precedentes, onde a igreja católica não conseguia dar respostas para as inquietudes e questionamentos da sociedade, que até então conviviam num certo equilíbrio nas condições sócio econômico, políticas e culturais antes da crise, que gerou uma desorganização na maneira que a sociedade da Europa estava regida por uma sociabilidade atenuada de conflitos e dificuldades. Porém, com a acentuação da crise que desintegrou laços familiares, valores morais, provocando o êxodo rural fenômeno que acentuou o inchaço urbano, acarretou um desordenamento social, e espiritual na época. (LUIZETTO, 1989).

Concomitante a este contexto histórico experimentado pela sociedade europeia, a mesma passava por transformações sociais que não podiam ser explicadas pelas “interpretações teológicas” tradicionais da igreja católica, que detinha o poder espiritual e força nas decisões políticas, econômicas e sociais. Com o advento da formação e consolidação dos Estados Nacionais e a ascensão da nobreza requerendo espaço de poder e de prestígio na sociedade, iniciava-se um processo de modernização e reformas relevantes e significativas,

com proeminência do Estado que tinha o plano de não dividir o poder com a Igreja, pelo contrário, desejava submeter essa instituição ao Estado, como aponta Luizetto:

O estado desejava submeter a Igreja, confiscar as terras que ela possuía e impedir que se apoderasse dos recursos da nação. Assim sendo os monarcas entenderam que [...] o momento seria excelente para limitar ou mesmo anular a força política representada pela igreja. (LUIZETTO, 1998, p. 23).

As mudanças em curso experimentadas na sociedade europeia como apontou Luizetto, evidencia que essas transformações possuem implicações de uma época moderna, ultrapassando a instituição eclesiástica, pois verificamos a disputa pelo poder a partir da formação do Estado e de uma classe social emergente, que requeria espaço e poder, atrelado às mudanças culturais e econômicas, nos desdobramentos das relações estabelecidas. (MONTEIRO, 2007).

Esse quadro social e religioso de mudanças, trás consigo outros atores sociais que já atuaram diretamente com a questão religiosa, entre os quais iremos focar no doutor em teologia, Dr. Martinho Lutero, nascido em 10 de novembro de 1483 na cidade de Eisleben, na Alemanha. Sua formação estudantil foi realizada nas escolas de latim de Magdeburg (1497) e Eisenach (1498-1501). Ingressou na Universidade de Erfurt, onde obteve título de bacharel em artes (1502) e de mestre em artes (1505). Devido a influencia do pai, um aldeão bem sucedido que desejava ter um filho advogado, Lutero inicia seus estudos em direito aos quais renuncia pouco tempo depois. (HATZENBERGER, 2015).

Nesse momento, Lutero passava por uma profunda inquietação religiosa, em decorrência de uma angustia a respeito da salvação de sua alma. O mesmo assim decide isolar-se no Monastério da Ordem Agostiniana na localidade de Erfurt tornando-se padre em 1507, sendo assim contrariando o desejo da família de vê-lo formado em advocacia. (HATZENBERGER, 2015).

Segundo Luizetto (1989), o refúgio monasterial que Lutero buscou para apaziguar seu conflito e angustia a respeito da salvação da sua alma, ansiando por uma tranquilidade religiosa, no âmbito do monastério não alcançou a certeza da graça, ou seja, a salvação, mesmo com a prática intensa da doutrina da igreja incluindo as boas obras e uma postura exemplar:

[...] Comportou-se como um exemplar membro da Igreja: acatava a doutrina, a autoridade do papa e as tradições que compunham a vida religiosa da época [...] esmerava-se na sua prática e fazia com confiança e perseverança. Afinal, o que interessava ao contrito monge neste momento era ele próprio, isto é, sua alma e salvação. (LUIZETTO, 1989, p.37).

Com o pensamento de Luizetto (1989), verificamos que mesmo Lutero sendo um monge que acatava a doutrina da igreja, a autoridade do Papa e as tradições que compunha a vida religiosa no contexto do século XVI, essa vivência não foi o suficiente para alcançar uma relação mais íntima com Deus, através das orientações do Cristianismo Romano. Ainda com este pensamento do autor temos a seguinte questão:

Apesar de demonstrar diligência na observância dos regulamentos da Ordem e exemplar cumprimento da doutrina da Igreja, não conseguia encontrar a tão procurada paz de espírito. As lições que recebia a leitura dos textos doutrinários, os sermões dos seus superiores revelavam-lhe um Deus terrível, vingador, um juiz severo e disposto a ser implacável com os pecadores. “Ele era um deles, e por mais que se esforçasse não se sentia merecedor da justiça de Deus”. (LUIZETTO, 1989, p. 37).

Ao longo de sua prática religiosa que se esmerava pelo caminho doutrinário, observamos uma preocupação em relação à doutrina católica que direcionava uma “prática intensa de boas obras”, como também a utilização de vigília, flagelos e orações para garantir um caminho direcionado à certeza da graça. “Tudo em vão, pois as suas angústias espirituais cresciam na mesma proporção que intensificava as penitências, mortificações, preces e toda sorte de privações”. (LUIZETTO, 1989, p. 36).

Ainda através da prática religiosa pregada pela Igreja e posta no cotidiano, Lutero apenas enxergava o aumento do seu desespero como também o desespero da população cristã, que via um Deus sem complacência, os dogmas clericais eram transmitido rigorosamente, no intuito de inculcar na população a prática constante dos sacramentos religiosos, como por exemplo, os díizimos, peregrinações etc. com esses discursos, a Igreja abrangia a vida privada do individuo quase em sua totalidade, porém para o padre Martinho Lutero em seus dez primeiros anos de monastério como já observamos, não foi possível receber a justiça divina através das regras e doutrina estabelecida pela Igreja.

O Padre Martinho Lutero concluiu seus estudos em Teologia recebendo o título de doutor em 1512 e passou a trabalhar na Universidade de Wittenberg que leva o nome da cidade na qual realizou seus estudos. Foi a partir daí, que na necessidade de sistematizar um estudo do evangelho em particular da epístola de São Paulo aos Romanos, com o objetivo de ministrar um curso, nos anos de 1515 e 1516 realizou forte entendimento sobre seu espírito, pois foi a partir do estudo, reflexão e interpretação dos textos da bíblia que impressionou o Padre Lutero que identificou a bíblia como depositário da Palavra de Deus.

Lutero definiu a fé como meio para alcançar o estado de graça tão almejado por ele, mesmo sem ter o interesse de promover uma reforma religiosa, mas com a intenção de

mostrar a Igreja Católica que o caminho seguro para graça, estava contido nas escrituras sagradas segundo a fé de cada um. Assim foi lançada a doutrina da infalibilidade da bíblia a qual o homem teria o meio para a obtenção do estado da graça, assumindo a fé como meio da salvação, quebrando a pretensão de universalidade do discurso religioso, introduzindo novos valores, parâmetros e cosmovisões¹¹ diferentes das apregoadas pela tradição religiosa que valorizava a prática das boas obras e o bom comportamento. (SILVA; PINHEIRO, 2011).

Diante desta constatação, Lutero pretendeu apresentar que na perspectiva das indulgências os fieis incorriam no erro, pois a compra das indulgências gerava apenas uma falsa sensação de segurança, uma vez que, a prática desta boa obra era como todas as outras, não tinham serventia, ou seja, era absolutamente inútil de acordo com o texto sagrado. Partindo desse entendimento o Padre Lutero quis mostrar a Igreja e aos seus fiéis uma equivocada interpretação da bíblia por parte da Igreja Católica.

Todavia Lutero não tinha a intenção de questionar a autoridade da Igreja nem tão pouco desejou dividir o mundo cristão em religiões opostas e rivais, contudo queria apontar um lapso no entendimento da bíblia ao maior número de pessoas, já que este conhecimento circulava aos alunos e as pessoas que acompanhavam seus sermões, para isso, em 31 de Outubro de 1517 lançou suas 95 teses na porta lateral da capela do castelo de Wittenberg.

As 95 teses de Lutero trazia uma carga de sua ideologia no empenho de trazer a verdade à luz, as escrituras sagradas. Deveria estar não só para os clérigos da Igreja, mas também para a sociedade como um todo. Lutero suscitou em seus escritos das 95 teses as falhas da Igreja, e a partir de então começa a quebra do conceito de unidade cristã da Igreja Católica abalando sua hegemonia. As 95 teses de Lutero e sua nova teologia fomentaram as contradições da Igreja em suas práticas e doutrinas como a “venda do perdão/indulgências”, e todo conjunto de atitudes sociais, políticas, culturais e religiosas, associados aos ensinamentos equivocados e interesseiros da Igreja. (BARBOSA, 2007).

A afixação das teses de Lutero tornou-se um fato conhecido e, na maioria das vezes, divulgado como sendo um ato de revolta específico ou somente contra a venda de indulgências. É verdade que elas se concentraram como foco principal nas teses e Lutero as atacou severamente [...] Contudo as teses envolveram outros temas, como o questionamento do poder do papa e os ensinamentos da Igreja. (BARBOSA, 2007, p. 37).

De acordo com (BARBOSA, 2007 *apud* GREN, 1984) As condições econômicas, mercantis e comportamentais estabelecidas pela igreja, alargava um anticleritarismo religioso que desencantava na população, na monarquia, na burguesia, nos comerciantes etc., uma grande necessidade de mudança, afunilando-se com os ideais de Lutero relacionado ao

¹¹ Cosmovisões concepção ou visão de mundo.

entendimento da palavra da bíblia, através de suas próprias interpretações e do conceito social que o mesmo tinha, onde aspirava por uma verdade religiosa não controvertida em seu sentido, objetivando assim impactar a doutrina religiosa vigente e outros fatores sociais.

Na leitura da bíblia, Lutero viu em seu entendimento que o sentido da religião era apaziguar os conflitos existenciais da natureza humana, os quais acarretavam angústias, desesperação em diversos sujeito inclusive nele mesmo, que ansiava por uma paz espiritual a qual não encontrou nas doutrinas e ensinamentos religiosos tradicionais de Roma, e sim a partir das suas leituras e de sua compreensão considerada por ele correta das escrituras sagradas, que segundo o mesmo se daria pela justificação da fé. A salvação das almas, então poderia ser adquirida pela crença que cada um tinha em Deus.

Podemos dizer que este entendimento formulou a doutrina protestante, através das 95 teses exposta na capela do Castelo de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517, culminando uma inflexão profunda no cristianismo ocidental, que marcou a humanidade abalando o discurso religioso homogêneo ortodoxo, causando uma ruptura, um cisma religioso que mudaria a história da humanidade.

Como a solidez religiosa abalada deixava no ar uma sensação de instabilidade em todas outras áreas que compunha uma sociedade, e por assim dizer, segundo (BERMAN, 1982), “tudo que é sólido se desmancha no ar”, ou seja, o discurso religioso da Igreja Católica foi passivo de questionamentos e inquietações provenientes de uma dinâmica social, ocorrida em um processo modernizante de sociedade compartilhado por homens e mulheres em todo o mundo.

1.2 – Por uma nova ordem de adoração: A Reforma Religiosa na Europa Ocidental

O conteúdo das teses de Lutero deflagra a Reforma Religiosa, movimento que dividiu a cristandade ocidental, e é considerado como um marco do surgimento da modernidade. As 95 teses traduzidas para o alemão, língua natural de Lutero e considerada vulgar por ser popular, gerava o eco da voz de uma Alemanha inquieta. Com tudo que acontecia no momento, tornava-se cada vez mais visível o espírito secular, para uma ordenação social sem os ditames da Igreja. “Com a Reforma luterana nascia a Idade Moderna, quando o “povo” tornava-se protagonista da história. A concepção de história moderna harmonizava-se também as necessidades do Estado”. (MONTEIRO, 2007, p. 132).

A Reforma Protestante assim considerada trouxe em seu contexto, características próprias do luteranismo e calvinismo, pois vista como teologia liberal, por enfatizar a

liberdade individual, era vista pelas autoridades políticas, pelos camponeses que se manifestavam com embates e conflitos, pela burguesia, uma saída não só para mudar o amoralismo, a avareza e o poderio político da Igreja tradicional, como também o momento para gerir o Estado dentro de uma nova perspectiva social moderna.

A partir do pensamento de Monteiro, a religião não era mais a única força movedora da sociedade, a Reforma religiosa traz a observância de todas as áreas como um todo que compõe a sociedade e sua aplicabilidade, e neste sentido a modernidade trouxe novos modelos administrativos e conforme a secularização ocasionada pela reforma religiosa, a desinência da hegemonia da Igreja estava clara, agora o sujeito é dono de o seu próprio agir e assim a ideia de progresso compõe-se através da experiência vivida por cada sujeito histórico, e sua irreversibilidade temporal dar-se por não repeti-la. Do mesmo modo, surge então a ideia de progresso futurizante. (MONTEIRO, 2007).

A Reforma religiosa como movimento de ruptura e renovação não deixou de trazer em todo seu arcabouço, novas expectativas de interesses de governantes que se identificaram com a causa luterana. Não se sabe se foi simplesmente pela religiosidade, ou pela questão econômica e política, ou pelo conjunto. O fato é que a adesão de vários Chefes de Estados Monárquicos impulsionou Martinho Lutero a promover o acontecimento do século: A Reforma Religiosa.

[...] Compreender a relevância que os acontecimentos do século XVI tiveram para favorecer e impulsionar o início da Reforma Protestante [...] não nos permitem diminuir a relevância da atuação de Lutero no contexto da Reforma [...] sua formação e indagações, tona-se essencial para uma tentativa de compreensão de suas propostas para a reforma da Igreja. (BARBOSA, 2007, p. 49).

As propostas de Lutero para a Reforma da Igreja em suas 95 teses, foi a alavanca inicial para uma transformação introspectiva na Instituição e na população de um modo geral, pois a reforma protestante de Lutero tinha como foco restaurar o entendimento relacionado a pureza da mensagem sagrada cristã, a palavra da bíblia e assim “ A secularização não implica no desaparecimento da fé ou um novo interesse pelas coisas do mundo. O perfil do homem moderno não seria dado pela mundanidade, mas pela sua interioridade”. (MONTEIRO, 2007).

A Reforma religiosa irrompe em um contexto temporal de vários acontecimentos na Europa Ocidental, como a formação dos Estados, a ascensão da burguesia e o serviço da imprensa que se firmava como meio importante de comunicação. A cisão protestante foi expressa na literatura, em sermões, em panfletos, em canções e em assembleias políticas. Construía-se um sistema vigorante de participação eclética com a proeminência dos governantes dos vários âmbitos sociais. (BARBOSA, 2007).

Com a criação da prensa móvel em 1440 realizada pelo Alemão Johannes Guttenberg, observou-se um acentuado desenvolvimento da palavra impressa, que criou novas possibilidades de divulgação de vários conhecimentos. Nessa perspectiva, a importância da palavra impressa se dava em grandes proporções, pois divulgava as novas ideias reformistas e modernizantes, causando um frenesi em toda sociedade europeia ocidental no século XVI, e pela propagação ocasionada pela palavra impressa das teses de Lutero, o mesmo conquistou seguidores de todas as camadas sociais, dos camponeses a monarquia como mencionado anteriormente.

Tendo conhecimento que uma boa parte da população não era letrada (alfabetizada), mesmo assim, a palavra impressa emergiu como uma força capaz de romper ideias, comportamentos, ou seja, hábitos sociais cristalizados em uma hierarquia clerical dominante. A palavra impressa proporcionou a tradução e difusão de diversos documentos, inclusive a Bíblia Sagrada, e funcionava como um dos pilares de divulgação do conhecimento da Reforma, trazendo a adesão de vários sujeitos históricos de diversas camadas sociais, como também criou novas expectativas, visões e desejos sobre a palavra impressa, onde os mesmos poderiam expressar seus sentimentos e suas necessidades, para os camponeses como observou (DAVIS, 1990):

A penetração da palavra impressa em suas vidas não era apenas uma função de sua alfabetização, mas de muitas outras coisas: do custo e da disponibilidade de livros, numa língua conhecida; da existência de situações sociais em que os livros pudessem ser lidos em voz alta; da necessidade ou desejo de informação que eles acreditassem encontrar mais facilmente em livros do que em outros lugares: e, em alguns casos, do desejo de usar a palavra impressa para dizer algo alguém. (DAVIS, 1990, p. 161).

Com a observação de Davis compreendemos que a palavra escrita contribuiu para o surgimento não apenas do letramento, mas também para outras questões de suas necessidades do cotidiano, inclusive expressar seus desejos e opiniões para alguém ou para uma instituição a partir da palavra impressa.

1.3 – O Protestantismo e suas variadas faces

O Cisma que ocorreu no Cristianismo devido ao Movimento de Reforma, e a intervenção de Lutero na doutrina da Igreja Católica, trouxe uma ruptura que acabou gerando diversas interpretações ao longo da historicidade da religião ocidental e dos sujeitos históricos. Essa realidade histórica não mais aceitava o discurso hegemônico da Igreja Católica devido às mudanças de paradigmas, rupturas e conceitos religiosos que norteavam o

convívio em sociedade, culminando com as transformações vivenciadas pela população. (COSTA, 2010).

Nesse contexto de transformações e com o surgimento de diversas correntes religiosas, onde se destacam três denominações principais consideradas tradicionais, Luteranismo, Calvinismo e Anglicanismo, devido às teses de Lutero não terem sido aceitas em sua totalidade pelos seus aliados, em diversos países em consequência das divergências que foram aflorando no próprio protestantismo, emergiu então, diversas características e denominações eclesiásticas que foram se configurando em seus princípios e valores, alguns convergentes, outros díspades e incompatíveis, para serem efetuados pelas teologias e doutrinas Protestantes e suas ramificações que estavam se consolidando nas sociedades. (BARBOSA, 2007).

Nesse contexto de efervescências do surgimento de diversas religiões oriundas do Protestantismo Histórico, temos diversas correntes com várias características que foram elaboradas para dar suporte teológicos/doutrina a suas fundamentações eclesiásticas. Destacamos as seguintes vertentes religiosas protestantes, expandidas pelo mundo: Igreja Luterana alicerçada na Justificação pela fé, e no que diz respeito à tradição do Marianismo no início da reforma protestante, muitos pontos foram mantidos, embora nas futuras gerações esse quadro sofresse mudanças, onde diversos pontos foram sendo relegados e suprimidos.

Todavia, a presença de Maria na religião foi e é muito importante, porém na perspectiva protestante sua aceitação como artigo de fé não deveria ser obrigada, tendo em vista que, Lutero exclamou a seguinte questão: “Não se deve adorar somente a Cristo? Mas não se deve honrar também a Santa Mãe de Deus?”, para Lutero Maria sucumbiu a serpente ao esmagar a cabeça. Vê-se que até os últimos dias de vida Lutero guardou devoção à Maria, com respeito e admiração no que ela representou sendo a mãe de Jesus Cristo. (Escola Mater Ecclesiae, 2015).

Na vertente Calvinista a característica marcante é a Predestinação, dogma cristão da onisciência divina, do mistério e o da imutabilidade do eterno decreto de Deus, segundo a qual a onisciência de Deus já se sabe antecipadamente a pessoa antes mesmo de sua criação e destino, ou seja, aceitar as consequências que derivam naturalmente do dogma, desde toda eternidade (LUIZETTO, 1989).

A corrente protestante Anglicana se pautou do rompimento do Rei Henrique VIII com a Igreja Católica, pois o papa Clemente VII recusou-se a acatar um pedido pessoal, ou seja, divorciar-se de sua esposa Catarina de Aragão, uma vez que, esta não poderia dar-lhe um herdeiro. Este fato foi decisivo para o empreendimento de uma nova religião

ser realizada pelo rei, o Anglicanismo, cuja base teológica nesse primeiro momento foi instituída pela liturgia católica. Henrique VIII foi excomungado pelo papa. O Anglicanismo foi posteriormente consolidado por Elizabeth I, a qual adotou em seu segundo momento uma fundamentação teológica protestante. (DELOISON, 2015).

É relevante destacar, que essas correntes consideradas os três grandes troncos do protestantismo, subdividiram-se dando origem a diversas denominações religiosas, tais como: Igreja Batista, Igreja Metodista, Igreja Adventista, Igreja Mórmon, Testemunha de Jeová, Pentecostais, Noepentecostais, Assembleia de Deus, dentre outras que ampliaram o raio de atuação nos diversos lugares do ocidente.

Percebemos na historiografia da religião da Reforma Protestante até a contemporaneidade, que os espaços de cargos religiosos regiam-se com proeminência pelo gênero masculino, apoiada num contexto de discurso religioso promovido por uma exegese masculina, fundamentada numa mentalidade patriarcal que regeu diversas gerações transubstanciando atitudes, costumes e valores, temporalmente predominantes e cristalizados de uma sociedade que ocorre de forma assimétrica os papéis e os lugares dos homens e mulheres. (COSTA, 2012).

Mesmo com a ruptura do Cisma do Cristianismo, realizado com a Reforma Protestante, essa nova prática religiosa não ampliou os espaços para equidade de o gênero feminino realizar-se de maneira equânime, a liderança de cargos de destaques eclesiástica. Verificamos que o homem ainda tinha uma presença predominante no fazer religioso. Esse cenário se consolida através de diversos discursos que sobrepõe o sexo masculino em detrimento o feminino. Todavia, com a secularização e as mudanças em curso na sociedade que vem se modernizando, isso implica transformações em todas as esferas sociais, o que ocorre gradativamente, abrindo as portas e ampliando os espaços de conquista para as mulheres atuarem no papel de liderança. (ROSÁRIO; ROLDÃO, 2011).

2.0 – BRASIL: COLONIALISMO, IMPERIALISMO E REPÚBLICA NA RELIGIÃO

O Brasil é um país herdeiro da civilização europeia ocidental, temos a herança de um conjunto de instituição, técnicas, valores etc., adquiridos a partir do processo de colonização realizado pelos povos portugueses, os grandes navegadores dos séculos XV e XVI. (VAVY, 1993).

Com o achamento das terras do Brasil através das navegações, e por Portugal que tinha a Igreja Católica como religião oficial do Estado, esta, a religião católica, veio junto com a colonização e não mais saiu. (DEL PRIORI, 1997).

Desde o princípio da história do Brasil, essa é instituída por uma versão feita por cronistas contratados pelo Estado português, para narrar a trajetória oficial da chegada de Cabral em 1500, e logo tratara de por em evidência a questão religiosa intrínseca a esse povo, que desembarcaram em Porto Seguro para assistir uma missa celebrada pela chegada nas “novas terras”, no dia 1º de maio é fincada uma cruz na Terra de Santa Cruz, que posteriormente denominou-se de Brasil por sua árvore nativa de cor avermelhada. (DEL PRIORI, 1997).

Existia um projeto para conquistar novos territórios, os colonizadores seguiram da costa brasileira sem destino. Mesmo com a sua saída nesse período, percebemos uma preocupação e recomendação feita pelo cronista Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, em encaminhar missionários para converter a fé cristã, e neste momento, Caminha falava da cristianização dos índios. (DEL PRIORI, 1997).

Compreendemos que existia uma aliança entre Portugal e a Igreja Católica, e neste sentido observamos a recomendação de Caminha ao rei Português, que segundo Del Priori:

[...] “solicito logo a El rei de Portugal que enviasse missionários para convertê-los; não deixe de vir clérigos para os batizar.” Esta imediata preocupação [...] com a cristianização dos índios explica-se pela estreita ligação da igreja com o estado português na defesa de interesses comuns religiosos, políticos e econômicos. (DEL PRIORI, 1997, p. 7).

Com a visão de Del Priori percebemos a ligação do rei português com a Igreja, aliança estabelecida por padroado onde o papa dava a concessão ao monarca o poder religioso e moral nas colônias recém-povoadas. O rei exercia o poder político e espiritual na condição de grão mestre aos seus súditos, ou seja, o catolicismo colonial ganhava o status de única religião oficial no Brasil. (DEL PRIORI, 1997).

Esse cenário social foi fundamental para construir a mentalidade cultural religiosa, a expansão das fronteiras geográficas, ampliando a fé católica que perdura até

os dias atuais, porém sem a proeminência de um passado remoto que escreveu a historicidade do Brasil, realizada conjuntamente com o desenvolvimento do sistema capitalista mundial. Naquela época, já estava intrínseco a ideia de globalização que se deu com o lançamento dos navegadores ao mar, para terras d'alem mar. (VAVY, 2003).

Podemos perceber que esse contexto religioso se estendeu por muito tempo, onde a Igreja Católica foi à instituição oficial, e os jesuítas tiveram exclusividade nos atos religiosos desse território. (DEL PRIORI, 1997).

Nestas perspectivas, observa-se que esse quadro só veio sofrer outras influências, ao longo das transformações ocorridas no resto do mundo ocidental, que passava por profundas crises de diversas questões em várias áreas sociais, e paulatinamente, foi reconfigurando os estados e as sociedades ao redor do mundo. Devido o advento dessas transformações em curso, características dos seres humanos que têm o poder de criar e recriar o espaço ao qual pertence, e, por conseguinte todas as esferas de vida seja estas, política, social, econômica, cultural e religiosa.

Neste contexto, essas transformações ocorreram com mais evidência, no processo de modernidade que a sociedade ocidental experimentava através dos novos paradigmas instituídos com a nova forma de pensar do homem, em todos os âmbitos de sociabilidade e na sua visão de mundo, o que colocaria a história da humanidade em um novo patamar até os dias atuais. (FARIAS, 2011).

A partir deste novo panorama social, podemos dizer que a modernidade segundo (BERMAN, 1982), pode ser compreendida enquanto um *modus vivendi*, uma experiência vital de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida, aventura e rotina, a modernidade é a tragédia do desenvolvimento, que permitiu vislumbrar incríveis horizontes, ao mesmo tempo em que criou uma força que desmancha tudo que é sólido no ar.

2.1 - Sociedade Brasileira em Transformação – Emigrantes Protestantes

No percurso da historicidade da formação da sociedade brasileira, muitos fatos e fenômenos sociais se estabeleceram e estão ligados a um contexto de transformações que se inserem desde a periodização da divisão histórica do Brasil, em Colônia, Império e República. Essa última vai ser abordada com ênfase, pois é o momento que marcou com maior destaque, a religiosidade com outras práticas, outros ritos diferentemente dos da religião católica que ocorria de forma mais homogenia.

Essa homogeneidade religiosa católica se deu até a chegada de novos paradigmas e visões de mundo, de outros sujeitos oriundos de várias partes do mundo com seus conhecimentos, culturas e experiências de sociabilidades divergentes do cristianismo católico, que começa a perder sua força hegemônica como religião oficial a partir do advento da Proclamação da República. (SANTOS, 2010).

A chegada da família real portuguesa ao Brasil inaugura o fim do período colonial e sedimenta o momento do império brasileiro, rompendo três séculos de dominação religiosa por parte da Igreja Católica Romana, e abre o país a chegada dos Protestantes no Brasil.

Os Protestantes entram no país com o edito de 28 de Janeiro de 1808, onde o rei de Portugal promulga a abertura dos seus portos para “as nações amigas”, no intuito das relações comerciais com a Inglaterra, onde em contrapartida receberia a proteção inglesa contra eventuais inimigos da coroa portuguesa, além de receber benefícios financeiros, tendo em vista que, com a ampliação dos portos para os ingleses contrair o comércio internacional, geraria uma intensa transação comercial e conseqüentemente uma grande circulação de emigrantes.

Segundo (SANTOS, 2010), na medida das intensidades comerciais, os emigrantes na sua maioria protestantes, se firmavam como proprietários no ramo do comércio de ferragens, tecidos, entre outras profissões técnicas, como também controlariam o câmbio das transações comerciais e receberiam terras gratuitas e privilégios. (SANTOS, 2010 *apud* FREYRE, 2000).

No ano de 1810, no tratado de comércio e navegação, estava incluída uma cláusula da liberdade de culto para a população inglesa no Brasil. Isso proporcionou a organização religiosa no formato anglicano, permitindo a edificação de cemitérios e capelas particulares. Todavia, as fachadas das instituições/Igrejas deveriam ter características de residências, e estes sujeitos religiosos protestantes não deveriam falar mal da Igreja Católica, nem realizar proselitismo.

Esse cenário (SANTOS, 2010), fundamenta um país para a liberdade religiosa e a tolerância, o que editava no artigo 12 da Constituição do império de 1824, consolidada e reformada na Constituição Republicana de 1889.

O ideário liberal favoreceu a inserção do protestantismo, pois criou certas condições intelectuais e jurídicas para sua inserção. O protestantismo era compreendido como uma religião que favorecia a transição para a sociedade moderna. (SANTOS, 2010, p. 106).

Com essas medidas para garantir o povoamento das fronteiras brasileiras, diversos imigrantes protestantes alemães vieram fincar-se nas terras do Brasil, especificamente nas cidades do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e posteriormente no Espírito Santo. A vinda dessa população trouxe o luteranismo com seus líderes pastores, suas culturas, ou seja, costumes, rituais, tradições e língua. Além dos protestantes alemães, vieram também os suíços, irlandeses e outros sujeitos não católicos, gerando uma multiculturalidade nos fundamentos de tolerância religiosa como também da questão étnica e cultural do país. (SANTOS 2010 *apud* MENDONÇA, 1993).

Mesmo diante dessa política de um projeto liberal modernizante, ocorreram tentativas de uma parte da igreja católica de transformar nesse cenário, o restabelecimento da Inquisição, com o propósito de refrear o alastramento do protestantismo que deveria ser caracterizado de heresia, contudo esse discurso não encontrou fundamentação nem apoio, pelo contrário sofreram pressões comerciais devidas o espírito modernizante, e até mesmo dentro do clero católico não houve permissão para tal retrocesso religioso.

Na política liberal adotada pelo país vai se consolidando o espírito de liberdade, evidenciando uma notoriedade do protestantismo que foi ganhando espaço cada vez mais, por mostrar às elites as crises institucionais existentes entre a Igreja Católica e o Estado e a sua hegemonia na questão religiosa. Isso favoreceu para a notabilidade das reivindicações protestante e sua efetivação pela via de conquistas jurídicas e institucionais, ampliando o leque de reconhecimento de suas igrejas, cerimônias de casamento entre outras conquistas. (SANTOS, 2010).

2.2 – Brasil: Multiculturalismo, Gênero, Identidades e Religiosidade

O Brasil é um país cuja cultura religiosa foi herdada do período de colonização, vinda principalmente do povo português. Essa construção histórica cultural religiosa permeia a sociedade até os dias atuais. Entretanto retomando a herança religiosa do Brasil em sua tríade: Colônia, Império e República, observamos através de literaturas que temos um Brasil Cristão, onde a tradição hierárquica eclesiástica é masculina por excelência, fundamentada no discurso histórico de que os homens dominam a produção do que é sagrado, ou seja, de representante de Deus na terra, herança medieval que caracterizava esta simbologia como verdade absoluta neste período.

Conforme pensamento de (MACIEL; SILVA, 2012 *apud* GIDDENS, 2005), acreditamos que essa característica marca profundamente a sociedade brasileira, tendo em vista que, nossa formação social foi construída em separação de gêneros, no que diz respeito aos espaços que homens e mulheres devem ou não devem e, ou, podem ou não podem ocupar. É notório que o poder da tradição trás em sua excelência, raízes que foram profundamente fincadas para legitimar o discurso dizível do poder dominante, ou seja, o poder masculino, e por assim dizer:

Em certa medida, os discursos e práticas [...] não fazem mais do que legitimar, legalizando-os e normatizando-os, os costumes instituídos socialmente [...] Essa legalização naturalizada [...] institui os lugares sociais para homens e mulheres. (CAVALCANTI, 2000, p 62).

Estas posições sociais ocupadas na história social, política e religiosa do Brasil, trás em seu contexto essa simbologia forte e arraigada, por uma tradição colonizadora, imperialista e republicana, ao qual percebemos que são originárias da construção histórica da humanidade, onde diversos instrumentos simbólicos e discursivos foram e são usados para legitimar o poder e a hierarquia da superioridade dos homens em relação às mulheres, (MACIEL; SILVA, 2012 *apud*. ROSADO, 2005), estas são instruídas desde sua tenra infância a conceitos e ideias de masculinos e femininos, cujo senso comum contribui para reforçar os discursos que dão visibilidade as questões de significados, valores, atitudes e símbolos sobre homens e mulheres que norteia a sociedade brasileira.

No tocante, verificamos no que diz respeito a posições hierárquicas na religiosidade brasileira (nosso foco), que este espaço tem proeminência masculina apoiada num arcabouço de discurso religioso, que ocorre de forma assimétrica, os papéis e os lugares de homens e mulheres, porém, a secularização religiosa vem implicando mudanças, nos espaços que o gênero masculino ocupa, observado então que a partir do século XIX em diante vem paulatinamente abrindo as portas para as mulheres protestantes atuarem no papel de liderança. (COSTA, 2012).

Com leituras e estudos sobre a história da mulher protestante, percebemos que esta, sempre teve uma atuação e participação em vários ou em todos os setores das sociedades, pois mesmo nas mais remotas civilizações, a história sem mulheres torna-se como inconcebível, já afirmava Michelle Perrot “que uma historia sem mulheres parece impossível” (PERROT, 2008).

Durante muito tempo a ciência histórica ocultou, não relatou como também excluiu diversos sujeitos históricos como Negros, operários, camponeses, mulheres, entre outros atores sociais. Havia um silenciamento em diversas obras anais e livros didáticos que não

contavam a história destes sujeitos, e quando os mencionava não os retratava como sujeitos proativos e protagonistas da história. (COSTA, 2010).

Esta situação transpôs por séculos na sociedade ocidental, cujo estudo dos conceitos, posições sociais, etnias, crenças, doutrinas etc., veio galgando avanços nas várias ciências sociais denunciando esta exclusão e solicitando a sua inserção social, inclusive a história passou por muitos questionamentos, para perceber esta lacuna vivenciada.

Diante disto vários pensadores refletiram esta realidade e através das reivindicações política, ideológica, religiosa e estudos teóricos culturais, demonstraram a necessidade de conceber a historiografia numa visão que contemplasse as diversas identidades dos sujeitos excluídos pela história oficial, a qual foi submetida a uma sabatina, na concepção de construir a história das sociedades modernas, uma das correntes teóricas que contribuiu para uma nova fomentação historiográfica, foi a corrente histórica das mentalidades, aspecto das transformações modernizantes da sociedade, coexistente ao processo de mudança o qual impactou em diversas identidades culturais, como nos aponta, (SILVA, 2006).

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudanças constante, rápida e permanente, abrangente e contínua, característica das transformações do tempo e do espaço [...] processo relacionado a questão de mudança das identidades. (SILVA, 2006, p. 14 – 15).

Emergiu assim um debate que trouxe esses sujeitos esquecidos da escrita historiográfica para o foco de discussão e de inserção, como também outras temáticas. Portanto dentre estas temáticas evidenciaremos que a questão de gênero sempre será um percurso historiográfico, a ser analisado e discutido sobre a posição do espaço ocupado por homens e mulheres. Partindo do pressuposto religioso, iremos enfatizar a questão da mulher no campo da hierarquia eclesiástica especificamente a mulher protestante no Brasil.

2.3 - Igreja e atuação feminina: Novos tempos?

A relação entre mulher e religião, é uma temática de complexidade na história da humanidade. Transpondo a discussão para o Brasil, ela se dá em um cenário de dificuldades, incertezas de forma ambígua, pois suas práticas religiosas na sociedade são fundamentadas numa herança de regência patriarcal e androcêntrica, institucional e historicamente realizada de maneira explícita e implícita. (FONSECA; FARIAS, 2010).

Alicerçada no modelo de religiosidade que funcionou como uma das principais instâncias de controle espiritual, física e moral dos fies, norteando a regulamentação e vigilância dos comportamentos, valores e preferências dos indivíduos, prioritariamente no que

diz respeito à sexualidade. A religião constitui-se de poderosos mecanismos de regulamentação e dominação, tanto no interior das instituições religiosas quanto na sociedade, atuando fortemente na questão das relações de gênero, estabelecendo os lugares e os papéis a serem desempenhados por mulheres e homens. Esses últimos detêm historicamente, o domínio do sagrado e sua simbologia, conforme nos apresenta (Maciel; Silva):

[...] as religiões, têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma visão específica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos. [...] historicamente são os homens que dominam a produção do que é ‘sagrado’ nas diversas sociedades. (MACIEL e SILVA, 2012, p. 1).

Segundo Fonseca e Farias (2010), as religiões foram regidas por uma hermenêutica que vislumbrava numa visão da dominação masculina, norteando as doutrinas, normas e regras conduzindo a trajetória da tradição cristã. O legado dessa visão configurou uma ótica negativa da mulher, uma vez que, esse discurso e prática religiosa, “foi responsável pelo sufocamento de uma via feminina na teologia, na doutrina e na autoridade do cristianismo.” (FONSECA; FARIAS, 2010, p. 21).

Sendo assim, verificamos que a representação do sagrado e do simbólico nessa exegese, foi sendo construída ao longo do tempo, visando cristalizar e legitimar o poder do masculino em detrimento ao feminino, o que contribuiu para criar um preconceito no que diz respeito aos espaços de poder para o exercício da mulher em cargos eclesiásticos, ficando a mulher com a incumbência de atuar no fazer religioso, na questão de perpetuar através da oralidade os rituais, e serem guardiãs da tradição do patrimônio memorial do grupo religioso na dimensão do protestantismo, cuja atuação das mulheres não demandava posições de prestígios na hierarquia desta corrente religiosa. (FONSECA; FARIAS, 2010 *apud*. ROSADO-NUNES, 2005).

Esse contexto vivenciado pelas mulheres protestantes, expressando aqui duas das principais correntes do protestantismo (IELB - Igreja Evangélica Luterana Brasileira e Assembleia de Deus), exigiu desses sujeitos (mulheres), estratégias e táticas para o enfrentamento e cerceamento dos problemas e desafios nas congregações que atuavam de forma tradicional, tanto na doutrina da Assembleia de Deus quanto na Luterana. Essa segunda Instituição, utilizou-se da forma de organização de Liga de Mulheres, uma experiência de trabalho oriunda dos Estados Unidos e trazida para o Brasil, pela Senhora Ottilie Mueller, esposa do Pastor George Mueller. Esse veio trabalhar como professor no Seminário Concórdia em Porto Alegre – RS. (FONSECA; FARIAS, 2010).

A LSLB - Liga de Senhoras Luterana do Brasil, denominação dada a esse modelo de organização, que visava ajudar com importante apoio financeiro, ações de suporte para a expansão desta corrente religiosa, colocou em prática o plano nacional das sacolinhas, que consistia em uma campanha de arrecadação pelas mulheres luteranas de todo Brasil. Essas mulheres possuíam uma sacola, acessório presente na sua residência, especificamente no ambiente da cozinha, para depositar os saldos das compras diárias.

Esse projeto realizou-se com grande sucesso, pois a partir dele, a Liga das Senhoras Luteranas alcançou a meta de arrecadar dez mil cruzeiros, que foram destinados à compra de um veículo e enviado a Portugal, para ser utilizado pelo Pastor da Igreja Luterana naquele país, ou seja, obra missionária. Devido ao empreendimento bem sucedido, as mulheres luteranas ampliaram seu campo de atuação, utilizando os recursos das sacolinhas para serem investidos em diversas ações sociais, as quais lograram prestígios junto a Igreja, como também fomentaram paralelamente a essas ações, uma revista trimestral considerada de grande importância entre as luteranas em nível nacional. (FONSECA; FARIAS, 2010).

Essa revista iniciou como boletim informativo da (LSLB), posteriormente transformou-se na revista *Servas do Senhor*, sendo difundida periodicamente e mantida por mais de trinta anos, trazendo novas discussões a cerca da Liga da Muller Luterana por abordarem as dificuldades, os desejos e anseios que emergiram dos descontentamentos e das novas demandas discutidas pelas mesmas, durante um longo caminho construído por elas, que nesse momento tinham o afã de ocupar espaços próprios dentro da igreja nos cargos da administração e liderança, que até esse momento eram posições de proeminência masculina, que regia com diferenciação entre homens e mulheres. (BOURDIEU, 1999).

Essa regência se dava sem questionamento evidente até essa época. No entanto, ao decorrer do tempo, as mulheres iniciaram uma discussão acerca dessa realidade, com o intuito de realizar transformações dentro da igreja, transformações estas que partiam das mudanças dos novos paradigmas da sociedade em relação à mulher, cujo tema será abordado posteriormente.

No que diz respeito à atuação realizada pelas mulheres protestantes da doutrina Assembleia de Deus, ou seja, as assembleianas, essas desenvolveram um importante papel desde a fundação da Igreja, que foi verificado nos registros históricos dessa Instituição, segundo Fonseca e Farias (2010). A presença atuante das mulheres assembleianas se deu em diversas frentes de serviços, tais como: ensino nas escolas dominicais, serviços de evangelização como também, a primeira pessoa a receber o “Batismo com o Espírito Santo”

foi uma mulher, Celina Martins de Albuquerque, o que nos aponta a desenvoltura e importância da atuação feminina, cooperando com os trabalhos da Igreja.

Enquanto as mulheres exerciam essas tarefas sem solicitar outros espaços e cargos de liderança no âmbito da doutrina religiosa, as relações fluíam sem nenhum problema ou dificuldade evidentes, pois essas mulheres se ajustavam na visão que regia a sociedade em voga, principalmente na exegese bíblica que fundamentava os lugares, atividades e comportamentos dos homens e das mulheres situarem-se nas relações de sociabilidades eclesiais. (ROSADO, 2005).

Todavia, em uma movimentação realizada por Frida Strandberg Vingren, esposa de um pastor, essa possuía uma formação em nível superior, com experiência na condução de trabalhos na Igreja, inclusive na ausência do marido Frida dirigia cultos e pregações em praças públicas além de ter uma inclinação para produção de textos e poesias.

No tocante, quando Frida desejou transpor os limites designados para atuação da mulher até o momento, acabou gerando enorme polêmica no âmbito eclesial entre pastores missionários, como também na Instituição majoritariamente patriarcal, que através de hermenêutica circunscrita na exegese bíblica, procurou silenciar e submeter a mulher a posições secundárias sujeitando-as as ideias androcêntricas no campo religioso. Porém, as mulheres não mais queria sujeitar-se a essa hermenêutica religiosa como nos aponta PERROT (2005).

As mulheres não respeitaram essas injunções, seus sussurros e seus murmúrios correm na casa, nos vilarejos, nas cidades, infiltrados por suspeitos e indícios rumores que flutuam nas margens da opinião. (PERROT, 2005, p. 10).

Com as considerações de Perrot, é notório que mesmo com a imposição do silêncio pela Igreja ou pelo sistema político, que rege a sociedade, as mulheres burlam, rompem com os ditames construídos pela visão do sexo masculino, onde sua voz rouca flui em diversos ambientes que posteriormente avançarão, para transformar as relações e representações do poder estabelecido.

A mulher protestante no Brasil evidenciou-se com mais veemência a partir do século XIX em diante. Elas estão na pauta de questionamentos sobre seu papel nos diversos campos de atuação inclusive o de pastora, um lugar de liderança religiosa, que está sendo conquistado devido a um novo entendimento com relação ao gênero feminino na sociedade, e também pelos novos posicionamentos de muitas áreas que tinham a visão hermenêutica e exegese que outrora foi utilizado para excluir, subordinar e impor um silêncio à mulher e determinar o seu lugar no campo religioso e social. (FONSECA; FARIAS, 2010).

Todavia, conforme pesquisas historiográficas, verificamos que a atuação da mulher protestante se deu em vários extratos religiosos, e ela lutou para ter o direito nos cargos de liderança como o pastorado, sobressaindo-se às convenções sociais com lugares determinados e finalidades claras e definidas, exercida pelo poder tradicional, como por exemplo, manter a resistência às inovações e as novas formas de pensar, tendo em vista que, as convenções ou rotinas que determinam os lugares dos sujeitos sociais, não são mais movidos a esse pragmatismo absoluto que transpõe a representação sexual. (MACIEL; SILVA, 2012).

3.0 – A MULHER PRROTESTANTE E SUAS CONQUISTAS NOS ESPAÇOS DE LIDERANÇA

O espaço de atuação da liderança feminina no contexto histórico social, sempre se apresentou como uma problemática, em função da liderança ser baseada em um sistema patriarcal, fundada no discurso e prática social e tradicional que permeia as relações sociais, o que corrobora para dificuldades e obstáculos da pesquisa, pois a historiografia oficial não colocou a mulher como sujeito proativo e protagonista de sua historicidade e suas intervenções, nos âmbitos de sociabilidade até o surgimento de vários olhares de interpretação da história, que vem sofrendo modificações em seu cotidiano, através de conceitos, definições, reformulações e ressignificações das ciências humanas ao longo do tempo, no modo de fabricar e disseminar o conhecimento construído historicamente, que relegou a atuação da mulher nas áreas de hierarquia da religião e dos espaços de liderança na sociedade. (COSTA, 2010).

A Mulher, no decorrer da historia da humanidade, vem forjando no cotidiano a aceitação passiva do modelo estabelecido através de sua sapiência, sua subjetividade e intuição. Ela realiza questionamentos e traz argumentos para proporcionar mudanças que ocorrem a partir de embates ideológicos e conceituais, trazendo uma reflexão e consciência, por sua capacidade de renovação social, política, cultural e religiosa entre outras áreas afins, ocasionadas por toda transubstanciação¹² representativa que envolve sua construção identitária, seus direitos, suas obrigações, suas privações e suas conquistas. São questões discursivas e práticas que tomaram outras dimensões na historiografia. (REIS, 2000).

Segundo Reis (2000), a partir do rompimento dos paradigmas e conceitos no modo de conceber a história, houve modificações nas abordagens temáticas implementando conteúdos anteriormente considerados não relevantes pela historiografia, como por exemplo, a questão da liderança da mulher. Porém, observa-se com o surgimento da Escola dos Annales, essa se valendo da metáfora “do porão ao sótão”, que significa uma mudança das preocupações das abordagens historiográficas, de base socioeconômica para as mentalidades e a vida cotidiana, firma-se ao se referir a modelos invariantes conceituais e interpretações, o que trouxe uma ampliação do que era considerado histórico, desconstruindo assim a história global e inserindo novos

¹² Transubstanciar é a conjugação de duas palavras latinas: (além) e substantia (substância), significa mudança.

conceitos e abordagens, tais como documentos psicológicos, orais, religiosos dentre outros a partir da prática da interdisciplinaridade. (REIS, 2000).

Observa-se que nos campos de atuação social tradicional, é notória a necessidade de subjugar o poder da mulher nas posições de liderança, no que diz respeito, a sociedade, a política, a cultura e a religião. Entretanto, é visível que a mulher como sujeita de sua própria história ao longo do tempo, mostra através dos movimentos eclodidos em todas as esferas sociais, que não foram sujeitos tão passivos assim como as falas e as narrativas históricas tentam evidenciar, no intuito de promover um silenciamento por parte desses atores sociais. (MACIEL; SILVA, 2012).

Segundo Maciel e Silva (2012), as convenções históricas nos parâmetros religiosos, políticos e sociais, são construídos com a finalidade de promover um cerceamento do saber fazer da mulher. Historicamente, observa-se certo temor pela proeminência masculina de correr o risco de perder espaço para essa personagem, a mulher, que conquista seu espaço pela firmeza e sabedoria, convence pelo conhecimento de gerir com habilidade, pelo falar e se fazer ouvir pelo poder da palavra, e nessas tessituras eficazes e produtivas, vão fomentando o inverso da subjugação, onde no paradoxo legitimado pelos extremos que compõe o masculino e o feminino, nesse último encontra-se a capacidade para dirigir e delegar atribuições preconizadas masculinas. (MACIEL; SILVA, 2012).

E assim percebe-se numa escala linear que a mulher não é mais somente presa ao cotidiano do lar, pois ela vem conquistando outros espaços na sociedade, saindo assim da esfera dominante do privado, do poder de mando patriarcal exercido pelo pai e posteriormente pelo marido.

Entretanto, é evidente que não é fácil à realidade das mulheres que almejam um espaço de liderança, seja na igreja, seja no trabalho, seja na política etc., porém pode-se dizer que no tocante é perceptível, que por mais que as esferas sociais representantes do poder tradicional construído historicamente tentem inibir a ascensão da mulher, ela busca de maneira eficaz, realizar suas aspirações se agarrando aos processos de mudanças e transformações da sociedade e do pensamento humano. (CRUZ, 2013).

É perceptível que os lugares e os papéis desempenhados por homens e mulheres que regem uma sociedade em todos os âmbitos que esta se constrói, não são de ordem natural da exegese bíblica que a hermenêutica masculina tenta testificar, e sim advêm de uma construção histórica, cultural, religiosa, social e política. A religião em sua hierarquia eclesiástica

imposta por suas doutrinas marca assimetricamente os lugares de homem e mulheres, fundamentando esses conceitos discursivos na origem da criação do mundo. (CRUZ, 2013).

Reconhecemos, porém, nos paradigmas tradicionais da religião, um discurso condutor e internalizador de verdades absolutas implantada nas sociedades, construindo uma visão utópica de sua hermenêutica hierárquica eclesial, esquecendo-se, porém, que cada um tem visão particular e única, pois está intrínseca a existência de cada indivíduo, por isso, tão profunda, tão própria, no sentido mais íntimo do sujeito.

Nesta perspectiva, o discurso religioso em sua exegese bíblica e aos olhos de uma sociedade moderna e transformada pela evolução do pensamento humano, percebeu e consolidou um processo de mudanças que nos faz enxergar os paradigmas, dogmas e o próprio discurso masculino que foram e são questionados e não mais aceitos em sua plenitude, devido à busca da revelação do mundo na redenção dos conceitos historicamente construídos, pois se apercebe na leitura e reinterpretações nas escrituras sagradas entre Criador/Deus e criatura/humano, não é designada pelo gênero homem/mulher e sim pela natureza humana, por conseguinte, a síntese internalizada pelo discurso religioso entra em contradição com a sistemática biológica/Gênese da criação. (ZILLES, 1991).

Segundo Cruz (2013), o Cristianismo primitivo era pautado na igualdade de direitos. Jesus Cristo falava do direito da liberdade e do respeito entre todos os cristãos independente de sua nacionalidade, gênero, etnias e condição social, pois todos são um só corpo, vejamos em Gálatas 3.28 “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (BIBLIA SAGRADA LIVRO DE GÁLATAS, 3.28)

Ainda constatamos nas Escrituras Sagrada no livro de Gênese 1.28, que Deus abençoa homem e mulher, atribuindo-lhes de forma igualitária a dominação da terra, ou seja, delega poderes a ambos os sexos sem distinção de gênero, diferentemente do foi apregoadado pela sociedade patriarcal, que disseminou uma exegese que se fundamentou numa visão da hermenêutica masculina, verificamos na Gênese a seguinte colocação:

E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicativos, e encheis a terra, e sujeita-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. (BIBLIA SAGRADA, LIVRO GÊNESE 1.28, 07, P. 2).

Portanto o discurso e a prática assentada na interpretação masculina da exegese bíblica sobre a questão do feminino, tanto na religião nos espaços de atuação da liderança de cargos eclesiásticos e outras funções da Igreja, como nos demais

seguimentos sociais que foram e vem sendo suplantados, pois este discurso que submetia o feminino não é mais considerado legítimo, devido um grande leque de questionamentos e mudanças que estão ressignificando os papéis de homens e mulheres na sociedade, através de novos olhares da historiografia, referente a posição social da mulher. (MACIEL; SILVA, 2012).

Este cenário de transformações de pensamento e de ações norteia a busca de um equilíbrio de poder igualitário nos lugares e cargos de liderança, nas diversas esferas sociais inclusive no que diz respeito aos atos da religiosidade, embora ficasse evidente que a conquista das mulheres no mundo religioso é muito lenta e gradual, pois encontra dificuldades e obstáculos de várias ordens para efetivamente realizar as transformações desejadas no ambiente eclesiástico. (MACIEL; SILVA, 2012).

No tocante observamos que na doutrina católica mesmo não sendo nosso foco, é importante frisar que não ouvimos falar nem verificamos nas leituras para construção deste trabalho, a atuação da mulher como liderança religiosa. Por outro lado percebemos, tanto em leituras como em diversos meios de comunicação, tais como internet, rádio, televisão dentre outras mídias a atuação de mulheres protestantes, tanto em cargos de lideranças e em demais funções vinculadas a Igreja, evidenciando o protagonismo de mulheres protestantes na atuação do pastorado, posto maior da Igreja Protestante.

Esse espaço vem sendo alcançado com muita perseverança e luta de mulheres obstinadas em realizar essa conquista, mesmo sendo observado que a atuação feminina se dá de forma restrita em algumas congregações, pois ainda existe um discurso de imposição quanto ao exercício ministerial que gostaria de ser realizado de forma hegemonicamente masculina, mas a liderança religiosa feminina legalmente institucionalizada é uma realidade visível em diversos lugares do Brasil.

3.1 – Mulheres Protestantes: Protagonistas de suas próprias vidas

O cenário evangélico protestante, fez com que a mulher buscasse na sociedade, uma configuração mais justa e menos desigual em todos os âmbitos sociais e também na questão dos cargos de liderança religiosa, por serem exercidos por elas com a mesma eficiência e eficácia que os homens realizam. A mulher busca uma universalidade em todas as dimensões da vida, com respeito às diversidades e sempre tentando equiparar-se nos direitos ofertados pelo Estado nos espaços sociais, políticos e religiosos, buscando

nas esferas das instituições, incorporar a perspectiva de gênero para uma base mais eminente de responsabilidade e direitos compartilhados em benefícios iguais, tentando combater as discriminações inerentes as práticas assimétricas historicamente configuradas, que inviabilizam o direito igualitário de homens e mulheres. (CISNE, 2012).

Para conquistar os espaços em termos de igualdade, muitas mulheres em sua trajetória histórica, buscam agir contrariamente aos poderes homogeneizadores e supostamente cristalizados pelo dizível do poder histórico tradicionalista, que por muito tempo subordinam as mulheres e tentam naturalizar os lugares ocupados por cada gênero, buscando romper com as diferenças exageradamente propostas pela hermenêutica discursiva da prática política social, cultural e religiosa dos lugares determinados, sobressaltando assim a necessidade dessas mulheres se organizarem por uma ordem de sociedade igualitária, e assim combater a mesma visibilidade dos grupos conservadores ante a uma sociedade moderna com pensamentos modernos. (CISNE, 2012).

Esses sujeitos sociais, (as mulheres), inserem-se na proposta discursiva onde grupos políticos, sociais e religiosos transpõem posições de hierarquia, no intuito de refrear direitos a indivíduos protagonistas de sua história, cujo fundamento está na não aceitação das representações de gênero/feminino, por uma exegese religiosa patriarcal e machista, construída historicamente através das representações conservadoras e fundamentalistas. (CISNE, 2012).

Entretanto é notório que o movimento feminista em suas três ondas temporais, final do século XIX e início do século XX, nas décadas de 1960 e 1970 e na década de 1990 até a atualidade, consecutivamente, é considerado um divisor de águas, funcionando como quebra das amarras das construções históricas discursivas no que diz respeito ao gênero feminino. Percebe-se com mais clareza e veemência, o desejo da mulher em galgar sua independência financeira e conseqüentemente o respeito da sociedade. Foram décadas de luta para que elas alcançassem espaços de liderança e uma sociedade “igualitária”. Depois de muitas lutas, as mulheres rompem preconceitos, se firmando nas várias áreas sociais, inclusive na religião. (ROSARIO; ROLDÃO, 2011).

[...] A importância para as determinações macrosociais, que se encontram diretamente relacionadas com a subordinação das mulheres [...] é imprescindível [...] despertar novos valores [...] para conquista da liberdade e da igualdade substantiva. (CISNE, 2012, p.95).

No tocante, conforme pensamento de (ROSARIO; ROLDÃO, 2011 *apud* LAFHEY, 1994), há uma necessidade de uma análise historiográfica ao tratamento dado a mulher, pois verdades absolutas perpassadas no lapso histórico temporal, sobretudo na Religião, deixaram marcas e cicatrizes na mulher, sucumbida, inferiorizada e conseqüentemente não retratada em seu direito social, civil e religiosa, por uma exegese bíblica fundamentada numa hermenêutica masculina.

Contudo, o feminismo foi um movimento que foi a luta em uma sociedade marcada pelos desmandos patriarcais, lutou pelos direitos legais das mulheres, onde ela deveria ter sua autonomia para com o seu corpo e sua mente, venceu barreiras no campo religioso, pois foram múltiplos os movimentos de mulheres nas igrejas, influenciados pelo movimento feminista. (MACIEL; SILVA, 2012).

4.0 – PROTESTANTISMO, PODER E MULHERES NO INTERIOR DA PARAÍBA

A história do protestantismo na Cidade de Campina Grande do Estado da Paraíba está circunscrita com a eminência da Igreja Congregacional, oficializada em 15 de novembro de 1920 edificado na Rua Treze de Maio no centro da cidade. Inicialmente essa instituição começou com cerca de trinta membros, alguns anos depois teve uma expansão na conquista de vários fiéis, chegando a triplicar este número na coordenação do pastor João Clímaco Ximenes em 1927, esse ficou a frente dessa Igreja por mais de trinta e três anos. (FREITAS JUNIOR, 2010, p. 204).

O trabalho realizado pela Igreja congregacional e com a regência de João Ximenes pautou-se nos ideais do pensamento conversionistas, para angariar mais adeptos através do discurso e propagação da salvação individual, doutrina originária da justificação pela fé, também com o desenvolvimento da prática de ações realizada pelos departamentos, tais como: Escola Bíblica Dominical, Sociedade das Senhoras e Missões Evangelizadoras no Nordeste.

A Igreja Congregacional ampliou seu campo de atuação para vários locais e cidades paraibanas, disseminando a religião protestante difundindo o seu estatuto que normatizava as condutas dos fiéis para sua identidade ser alicerçada nas suas doutrinas, vivenciadas na realidade protestante congregacional, gestada na liderança masculina que se regia na hermenêutica baseada nos ensinamentos de uma visão tradicional, que ao longo da história humana foi predominante em diversos espaços geográficos do mundo, como também na cidade de Campina Grande, Paraíba, até pouco tempo o lugar de liderança era ocupado predominantemente pelo gênero masculino. (FREITAS JUNIOR, 2010, p. 204).

Essa supremacia da liderança masculina nas Igrejas protestantes de Campina Grande era pautada em uma hierarquia patriarcal, machista e sexista, ou seja, ideologia impregnada nas raízes culturais da sociedade que perdurou por séculos, tanto no sistema econômico e político, como nas religiões, na mídia e no núcleo familiar, apoiado por um regime patriarcal onde a figura do homem representa a liderança, cuja mulher expressava sua submissão, orientada e induzida a servir e atender as demandas e interesses do pai e posteriormente do marido. A visão machista se constitui numa verdadeira distorção do lugar da mulher, pois não vislumbram a ternura inerente ao feminino com sua composição holística. (MOSER, 2011, p. 92).

Essa realidade unilateral do prisma masculino empobrecia a visão social que sucumbia a mulher associando-a a passividade, a fragilidade e a paciência, já o homem está nos liames da fortaleza, do mando, da responsabilidade, segurança entre outros. Essa estrutura

organizacional passou a ser desafiada pelos movimentos feministas paraibano, Raízes, Maria Mulher e União de Mulheres de Cruz das Armas, localizados na cidade de Campina Grande e João Pessoa respectivamente, composto em sua maioria por mulheres acadêmicas e voluntárias na militância, tinham atuação política cujos valores focalizam relações interpessoais, construção da autoestima, aumento do conhecimento, inclusive a teologia desenvolvida por mulheres que tinha o afã de desentranhar a força do gênero feminino, e trazer a tona essa mulher que se posiciona politicamente reivindicando seu valor, teceram teologias, discursos e práticas para valorização da mulher contribuindo para uma nova consciência feminina, abrindo espaços para sua atuação efetiva na vida eclesial e social. (ABATH; IRELAND, 1998, p. 6).

A contribuição desses movimentos impulsionaram mulheres de todas as áreas de atuação a buscar espaços e direitos civis sociais e religiosos, nesta perspectiva, observamos através das pesquisas historiográficas, sites da internet e em trabalhos acadêmicos, evidências de lideranças para mulheres protestantes, a exemplo, Pastora Jannayna Albuquerque, do Ministério Verbo da Vida, esta foi também vice-diretora da Escola de Ministros e dirigiu o Rhema Brasil em Campina Grande – PB por mais de 10 anos, Pastora Rivanda Alves, Presidente e fundadora da INSEJEC – Campina Grande – PB. Constatamos também, mulheres que exercem as funções de ministras, diaconisas, líderes de departamentos dentre outras. (MACIEL; SILVA, 2012).

Nesse sentido percebemos o empoderamento da mulher e a conquista dos diversos espaços dentro da religião como nos apresenta Moser (2011).

[...] o papel e o lugar da mulher na Igreja. Estas, além de assumirem sempre maior número de funções, vão entrando para cursos superiores inclusive de teologia. Com isso vão adquirindo mais autoconfiança e se impondo sempre mais como parceira de uma caminhada eclesial. (MOSER, 2011, p. 95).

Com os argumentos de Moser (2011, p. 95) verificamos que historicamente e no seu cotidiano as mulheres vêm conquistando em seu decurso histórico social, um novo paradigma, mais dialético e mais integral, onde é pensado e consolidado a teologia feminina para mediar o cenário sexista da construção histórica dada à proeminência masculina, que ocorreu em nível de Brasil e conseqüentemente na Paraíba, especificamente na Igreja Congregacional, Instituição Protestante originária em Campina Grande – PB, que influenciou posteriormente suas filiais com sua doutrina, que foram ampliadas para outras cidades e outras denominações, onde a ulterior masculina foi diligente e exclusiva em quase sua totalidade.

Neste contexto observamos também uma gama de diversificação de igrejas protestante que se propagou na cidade de Campina Grande, tais como: Igreja Maranata, Igreja Adventista

do Sétimo Dia, Igreja dos Mórmons, Igreja Verbo da Vida, Igreja Universal, Igreja Congregacional, Igreja Quadrangular, INSEJEC - Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, Igreja Presbiteriana, Assembleia de Deus, Igreja Evangélica Congregacional de Monte Castelo, Igreja Metodista, Igreja Batista, Bola de Neve, Igreja Evangélica Congregacional do Calvário, entre outras.

Esse cenário evidencia uma enorme quantidade de Igrejas Protestantes com várias denominações expandindo sua propagação, difundindo suas doutrinas numa proporção cada vez maior, esta nova realidade nos aponta que a hegemonia da Igreja Católica historicamente vem perdendo espaço, tanto na expansão da Igreja quanto na perda de fiéis. Esse novo contexto social é instaurado pela inflexão de um movimento ininterrupto das transformações na sociedade e no campo religioso, que se dá primeiramente pelo Cisma no cristianismo e consequentemente no decorrer da história da religião pelas fissuras do catolicismo.

Conforme pensamento de Moser (2011), o contexto sócio cultural, político e religioso acentuado por um desequilíbrio na Igreja católica favorecem a ampliação da Igreja Protestante e a ascensão do protestantismo promovido pelos processos de modernidade e pós-modernidade, num desmoronamento espectral do quadro social e religioso acompanhado por transformações de mentalidade e consequentemente nos hábitos comportamentais ocorridas nas relações sociais e culturais, moldando um novo pensamento em todas as dimensões existenciais no mundo ocidental.

O que verificamos também no Brasil por pesquisas realizadas, dentre estas, pela FGV – Fundação Getúlio Vargas, que nos aponta o declínio do número de fiéis do catolicismo e substancialmente aumento da comunidade evangélica, percebeu também uma considerável gama de pessoas que afirmam não possuir religião, esse quadro religioso evidencia novas práticas religiosas e mudanças de comportamentos pensar religioso. (G1 Brasil, 2011).

4.1. Novas Igrejas ou novas oportunidades?

A Igreja Evangélica Batista Shalom, edificada na Rua Paraná nº 399, Monte Castelo na cidade de Campina Grande – PB, foi fundada em Setembro de 2002 pelo Pastor Sêmio Reis (In Memoriam). Atualmente possui filiais em alguns bairros da cidade, como também foi expandida para outras cidades do Estado, contando com aproximadamente 600 membros distribuídos em todo raio de atuação.

Nos dias atuais a Igreja local (sede), conta com Pastor líder Josenaldo Veríssimo e o Pastor auxiliar Jose Ferreira Neto, a organização desta Instituição religiosa se dá por divisões de departamentos ministeriais e secretaria. Seus membros desenvolvem suas funções de liderança, dentro dos cargos observamos a presença de mulheres de várias faixas etárias realizando algumas tarefas de atuação, tais como: Diaconisas, Líderes de Departamentos, secretárias e Ministras.

No entanto, não contamos com a atuação de uma mulher pastora, embora a ideologia da Igreja abra espaço e permita que as mulheres galguem qualquer posto de liderança e destaque, primazia esta, do seu fundador Pastor Sêmio Reis. Segundo o Pastor Josenaldo, o mesmo tinha o propósito de conquistar seus fiéis, apascentando seus corações através da palavra ministrada nos cultos, ganhava a confiança do corpo da Igreja pelo exemplo de servir com excelência, formado em teologia, externalizava o intento de formar líderes para uma ampliação do seu ministério.

De acordo com as estimativas do pastor Josenaldo, a Igreja local (sede), conta com aproximadamente trezentos membros distribuídos entre mulheres, homens e crianças, sendo o corpo feminino composto por cento e sessenta e cinco mulheres. Quarenta e nove senhoras, destas, dez trabalham com líderes de conselheiro (as), diaconato e secretária. Sessenta e três mulheres jovens, destas, seis trabalham com missões, quatro com evangelização, onze no departamento infantil, quatro com diaconato, cinco ministras e quatro no louvor. Trinta e sete adolescentes, destas cinco trabalham no louvor, quatro na evangelização e três no departamento infantil e dezesseis meninas.

Podemos concluir a partir das estimativas do Pastor Josenaldo, que na totalidade de cento e sessenta e cinco mulheres, cinquenta e seis participam de forma atuante no processo de evangelização da Igreja.

4.2 - Mulher Protestante: Atuação e desafios na Igreja Evangélica Batista Shalom

A abordagem da análise foi construída, por dados que revelaram alguns desafios da mulher protestante na **sociedade contemporânea**, e sua evolução em relação aos aspectos históricos que elas vivenciaram ao longo de sua trajetória social e religiosa, a qual foi construída e alicerçada por uma exegese bíblica patriarcal com mecanismos de regulamentação, atuando fortemente na questão de gênero que estabelecia e determinava os papéis das mulheres no ministério eclesiástico, expressando uma hermenêutica equivocada e

tendenciosa dos textos sagrados, legando a mulher, um lugar de submissão e inferioridade, em detrimento ao poder masculino.

Assim, Procurando analisar a atuação da mulher protestante nos espaços religiosos na Igreja Evangélica Batista Shalom, indagamos, se as mesmas acreditam que podem desempenhar qualquer cargo dentro da Igreja:

Eu acredito na capacitação de Deus, se nos confia algo ele nos capacita para fazer com excelência. Mas, existe a função de pastorado, para esta função de pastorear eu acredito que seja melhor desempenhado por um casal, pastorear é algo abrangente demais, penso que essa função é melhor executada quando se tem a visão de dois, do homem e da mulher, assim fica mais confortável para ambos. (LDP – Líder de Departamento de Missões – 30 anos de idade).

Sim desde que seja direcionada e guiada pela vontade de Deus, buscando sempre sua glória, pois Deus capacita tanto homem quanto mulher seu nome tem que ser glorificado sempre. (D1).

Percebemos que no primeiro depoimento, a mulher (LDP), utiliza na sua resposta passagem da bíblia para externizar sua concepção da atuação de homem/mulher, como no livro de Marcos 10.8 “E serão os dois em uma só carne: e assim já não serão dois, mas uma só carne.” (BÍBLIA SAGRADA, M. 10.8). Observamos que ela mesmo conquistando seu espaço de atuação na Igreja como líder de departamento de missões, tendo sua valorização e sua legitimidade de sua atuação na vida religiosa, sua visão ainda está internalizada ao conceito construído tradicionalmente, através dos discursos históricos, sociais e religiosos que perdura até os dias atuais, dando a entender que mesmo a Igreja abrindo espaço para a liderança feminina, implicitamente provoca na mulher, uma dialética antagônica entre suas conquistas e seus direitos. Nesse sentido, “Atrelar a consagração das mulheres à concepção do ministério do casal, foi a fórmula encontrada pelas lideranças de várias denominações para preservar a dependência feminina em relação aos homens.” (MACHADO, 2005, p. 5).

Desse modo, considerando a intervenção do movimento feminista na sociedade e do impacto por ele provocado, observamos que as estruturas sociais e religiosas após séculos, ainda evidencia uma aceitação aparentemente passiva ao desenvolvimento e conquistas do gênero feminino, o reconhecimento de sua identidade, sua representação, reconfiguração e subjetividades no interior das Igrejas.

No segundo depoimento, da mulher (D1), podemos observar que esta, tem uma visão mais igualitária dos papéis (homem/mulher) exercida dentro da igreja, sua concepção religiosa reconhece que sua atuação na igreja é tão importante quanto à do seu esposo, pois em (Gn. 1.28) está explícito, que Deus deu poder ao homem e a mulher de exercer

igualmente os bens na terra, um auxiliando o outro, governando juntos, nesta perspectiva:

Ás análises de gênero não devem descrever as classificações/categorizações (ser homem, ser mulher), mas identificar como os significados atribuídos a essa interferem e contribuem na construção do mundo [...] sobre as atividades desenvolvidas por mulheres. (CISNE, 2012, p. 112).

Analisando que na compreensão de algumas mulheres, sua emancipação ainda está vinculada a imagem masculina, entendemos que estas, tem esta percepção, por construções fundamentadas em três grandes pilares da sociedade: Família, Igreja e Escola, esta tríade fomentou os conceitos que determinaram por muito tempo os lugares sociais de homem/mulher, que ainda em muitas instâncias perpassam até os dias atuais, numa reprodução discursiva e práticas quase indissolúveis.(BOURDIER, 1999).

Porém as inflexões e transformações sociais e religiosas compõem uma realidade dinâmica que operam a vida das mulheres da IEBS, elas se sentem realizadas na função de liderança em que ocupa, seja ministrando a palavra, seja administrando departamentos e dirigindo cultas, seja auxiliando seu esposo (pastor) a gerir o ministério, suas atividades são praticadas com consciência dentro do conceito que cada uma tem sobre os espaços que conquistaram, superando as injunções impostas às mulheres pelas relações de poder, entre gênero e religião. (FONSECA; FARIAS, 2010).

Neste sentido, as observações em torno da atuação feminina na IEBS nos fez indagar como estas mulheres descreveriam suas atividades na igreja, enquanto: ministra liderança de departamentos, mulher do pastor:

Essencialmente importante, visto que a mulher possui uma sensibilidade aguçada e consegue observar aspectos sob uma ótica diferente do homem, o que a faz importante em todos os “setores”, inclusive no ministério. (M).

Todos fomos chamados para dar frutos, cada um de nós formamos o corpo de cristo, homem e mulher, todos são para os propósitos de Deus. A mulher tem características inerentes a personalidade feminina que são de fundamental importância para o avanço da obra do Senhor. Fico feliz com a mentalidade de líderes religiosos, que tem a cada dia entendido a importância da participação da mulher em trabalhos e cargos nas igrejas. Existem questões que a mulher resolve de maneira mais eficiente que os homens, da mesma forma, tem questões que os homens resolvem melhor. Acredito que para o corpo funcionar bem, todos os membros devem participar, pois Deus criou o homem e a mulher e têm propósitos para todos. (LDP – Líder de Departamento de missões – 30 anos idade).

Os dados coletados revelam que a atuação da mulher na igreja, IEBS, é proativa, como também a flexibilidade ao acesso às funções de liderança e equiparidade entre homem e mulher, reconhecendo e respeitando as diferenças valorizando, oportunizando e legitimando os

espaços de atuação feminina com autonomia, nas várias funções e cargos existentes em seu espaço físico, conforme Cruz (2013, p. 116) “A mulher tem um jeito peculiar de expressar sua fé. Seu ser feminino, composto por ternura, sensibilidade, solidariedade, faz desvendar novos caminhos também na sua profissão de fé.” Percebemos que outras mulheres que atuam como liderança comunga da mesma opinião e visão em relação aos cargos de liderança nessa igreja:

Como grande avanço da propagação do evangelho, onde Deus tem levantado corações disponíveis para que ele possa agir e alcançar os corações sedentos, não importa se homem ou mulher mas sim um coração que esteja pronto para obedecer sua voz e servi-lo com amor. (D1)

Neste contexto, percebe-se que algumas Instituições Evangélicas, estão a frente no que diz respeito, a uma maior abertura nos espaços de liderança eclesiástica para o gênero feminino, corroborado por uma sociedade moderna, transformada pela evolução do pensamento humano, que abrange homens e mulheres, provocada por uma nova consciência de direitos concedendo assim à mulher um lugar condizente, para construção de uma sociedade mais ética solidária, fraterna e equânime.

Compreendendo a importância de analisar a participação da mulher do pastor nas atividades da igreja, buscamos no cenário evangélico coletar tais informações do sujeito em foco:

Na verdade as minhas atividades independem do chamado pastoral do meu esposo. É bem certo que o auxílio em qualquer necessidade; seja em reuniões, celebrando casamentos, aconselhamentos... porém, entendo que Deus também me chamou pessoalmente com um chamado específico, então, ministro a palavra, ministro aula no departamento infantil, auxílio na secretaria, ajudo nos eventos, limpo a igreja... faço aquilo que se faça necessário dentro do Reino de Deus. (MP1).

Eu o ajudo basicamente em todas as áreas, estou sempre nos aconselhamentos pastoral, tendo também a oportunidade de aconselhar, o auxílio nas escolas, nas reuniões, dou a minha opinião nas decisões, onde dentro do consenso sou aprovada e tenho a oportunidade de ministrar palavra a igreja e na sua ausência fico a frente da congregação. (MP2).

Constatamos que os depoimentos acima evidenciam que o espaço de atuação da mulher do pastor na igreja IEBS, é composto de várias funções, porém mesmo exercendo uma posição de liderança ministerial, é notório que grande parte de seu trabalho configura-se como prestação de serviços. Neste sentido, nos parece que as relações de gêneros são estabelecidas, considerando não o trabalho da mulher na Igreja nos espaços liderança, mas o papel da esposa ajudadora, mãe e cuidadora dos serviços domésticos, associando assim a vida pública à privada. Desse modo, observamos que, “Elas não conseguem se apropriarem desses espaços e

apontarem novos paradigmas, pois tais atividades são como “prestação de serviços.” (CRUZ, 2013, p. 116)”.

Porém podemos observar que, no cenário social em transformação de pensamento e ações no que diz respeito aos atos da religiosidade, fica evidente que a conquista da mulher nos espaços religioso, provoca nessas mulheres um pensamento de liberdade de escolha , no que diz respeito a sua atuação na igreja. No tocante percebemos que em várias situações e atividades, elas expressam uma satisfação pessoal, por estarem “Servindo no Reino de Deus”, e assim consideram-se protagonistas de seus próprios atos, escolhas e funções que executam na Igreja.

É notória a compreensão que estas mulheres têm relacionado à atuação feminina no Evangelho. Elas não se põem em lugar de competição de gênero nos espaços de poder, nem em lugar de vítima da subjugação masculina, elas expressam em seus depoimentos uma visão pessoal e aberta em relação aos seus espaços de atuação, tendo em vista que as mesmas são conhecedoras da equidade entre homens e mulheres no sacerdócio, sendo assim, é sabido que a voz dessas mulheres, consagradas ou não, podem ser ouvida nos diversos setores eclesiais e sociais da Igreja IEBS. “[...] essa postura indica um lugar central à relação da mulher consigo mesma.” (MACIEL; SILVA, 2012, p. 10)

No entanto, constatamos no período de coleta de dados a necessidade de investigar a realização pessoal de suas funções na igreja, em relação a função de liderança que ocupa. Perguntamos: Como líder a Senhora se sente realizada (feliz) em executar esta função na Igreja ou pretende exercer outra atividade? Se pretende, qual?

Me sinto realizada sim, e pretendo exercer no ministério da palavra, ou seja, pregando a palavra. (LC).

Sim sou muito feliz por ser líder da Secretária de Missões da minha Igreja. meu coração está tranquilo na função que Deus me confiou, amo a servir a Deus, não importa cargos. (LDM).

Sim, me sinto tão realizada quanto lisonjeada pelo privilégio de estar servindo ao Senhor no corpo Diaconal. Outra atividade? Não sei qual, mas a que o Senhor me chamar: Eis-me aqui. (D2).

Nesse sentido, podemos perceber que a líder de conselheiros, não está acomodada a função que exerce na Instituição, almejando assim, o ministério da palavra, sinalizando assim algumas transformações nas representações e relações de gênero na Igreja Protestante.

Nos depoimentos das entrevistadas LDM e D2 as mesmas demonstram uma satisfação pessoal, no entanto nos discursos, está implícita a falta de anseios de uma liderança legitimada na função ministerial, para essas mulheres a liderança eclesiástica feminina está atrelada a

uma subjetividade relacionada ao “chamado de Deus”. Observamos também que as participações dessas mulheres na hierarquia da igreja não são obtidas por pressões ou reivindicações das mesmas, conforme esse dado, “servir a Deus, não importa cargos”. Assim, “A Igreja tem condições objetivas e subjetivas para empoderar as mulheres, mas o feminismo parece amedrontar a sua hierarquia e também a vida religiosa, deixando de construir novos paradigmas.” (CRUZ, 2013, p.18).

Percebemos então a necessidade de questionarmos as mulheres ministras e esposas de pastores enquanto seus anseios a cargos de liderança na Igreja IEBS. Indagamos então: A Senhora gostaria do espaço de liderança enquanto mulher protestante, como Pastora?

O título “pastora” não se faz relevante na minha opinião. Ajudo meu esposo (que é pastor) a executar seu ministério, entendendo que também possui responsabilidades dentro do Reino de Deus e que um título de “pastora” não aumenta nem diminui a importância do meu serviço no ministério. Entretanto, tenho meu espaço de liderança independente do título. (MP1).

Não tenho pretensão em ocupar cargo pastoral. Estou plenamente satisfeita auxiliando meu esposo no ministério pastoral, me sinto ativa e livre para ser usada, a posição de não me coloca em uma situação inferior, pelo contrário, é um lugar de segurança onde confio na liderança do meu esposo constituído por Deus. (MP2).

Nos depoimentos das mulheres de pastores, podemos constatar que a dependência da ascensão feminina a cargos de liderança na igreja IEBS, está intimamente relacionada aos cargos hierárquicos exercidos por seus esposos, sem que as mesmas expressem a necessidade de romper com o estereótipo da dependência masculina, conforme esse dizer: “a posição de auxiliar não me coloca numa situação inferior [...] confio na liderança do meu esposo”. Assim, essa afirmação demonstra que esse sujeito da pesquisa reafirma o discurso que foi construído historicamente, impostos pela tradição religiosa e pelas práticas sociais que ainda influencia fortemente o pensamento na atualidade, que é orientado pela exegese bíblica, de uma sociedade patriarcal. Essa análise sugere,

[...] uma forte associação entre o sacerdócio feminino e o laço matrimonial, uma vez que a maioria das pastoras é casada com homens que ocupam cargos hierárquicos iguais ou superiores em suas denominações. As trajetórias de algumas das mais expressivas lideranças pentecostais revalam a importância dos vínculos domésticos e o papel decisivo dos homens no processo de ascensão das mulheres nas hierarquias religiosas. Restaria analisar os artificios desenvolvidos pelos dirigentes do sexo masculino para garantir o controle sobre a atuação feminina no púlpito. (MACHADO, 2005, p. 5).

Nesse sentido, cabe analisar os distintos seguimentos que uma congregação utiliza para ampliação da participação da mulher na Igreja, tendo em vista que, as aspirações femininas na hierarquia eclesiástica dessa igreja protestante, estão relacionadas a um sentimento, uma

subjetividade, atrelada a fé, as aspirações não são apresentadas de uma forma ampla fundamentada nas ações políticas sociais, como também percebemos nas falas das respondentes, que não demonstram uma consciência embasada numa reflexão crítica de sociedade e dos direitos historicamente conquistados, para aflorar um desejo íntimo para exercerem cargos de lideranças importantes.

Verificamos nos depoimentos, a predominância em suas respostas, é que mesmo a Igreja promovendo abertura para a ascensão da mulher na pirâmide hierárquica, esta, não demonstra desejo nem intenção de alcançar outros cargos de patamar de liderança de mais destaque, já que em suas falas, as mulheres se dizem felizes, satisfeitas e lisonjeadas em estarem atuando nas funções atuais, sem o intento de mudar esse quadro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos este estudo, foi possível percebermos que historicamente os discursos e práxis religiosas, são marcados por um processo que procurou legar a mulher como um sujeito não muito importante, inclusive silenciando sua atuação de liderança em cargos eclesiais, como também deixando de enfatizar o papel das mulheres na exegese bíblica, e quando o gênero feminino é abordado na questão religiosa, tanto a sua imagem quanto sua atuação é deturpada na interpretação da origem bíblica, realizada pela hermenêutica masculina que se dá naturalmente ao longo da historicidade humana.

Contudo verificamos que as mulheres tecem estratégias e táticas, para assegurar sua visibilidade e dizibilidade em toda sociedade, incluindo os espaços religiosos, que paulatinamente a mulher vem reivindicando e conquistando cargos de liderança em algumas instituições eclesiais protestantes, cujo pensamento dos sujeitos sociais destas congregações, está passando por um processo social de transformação na mentalidade, no que concerne ao poder e a atuação do gênero feminino. Com a abertura para o exercício de funções de liderança os espaços de destaques religiosos na Igreja Protestante vêm sendo consolidado, devido aos embates ideológicos e políticos, que requerem destas instituições religiosas serem regidos de maneira equânime e igualitária para ambos os gêneros.

É notório o avanço do gênero feminino nos espaços religiosos na igreja Protestante, no entanto percebemos que algumas instâncias eclesiais resistem às mudanças em curso da sociedade, alicerçada ainda no discurso tradicional patriarcal, o qual não tem mais sua aceitabilidade plena, pois ao longo das fissuras da dominação masculina, outros discursos foram construídos questionando e desafiando a realidade vivenciada.

O contexto social vem vislumbrando uma organização religiosa diferente das estabelecidas historicamente, que foram impetradas e partilhadas pela prática discursiva da Igreja Romana do período anterior ao Cisma Cristão, e posteriormente a eclosão dos movimentos feminista que evidenciaram e requereram em todo o mundo, os direitos, responsabilidades e equidade social, rompendo e reconfigurando essa maneira da vivencia religiosa.

A construção deste trabalho nos possibilitou enxergar o devir que ocorrem na sociedade, a qual passa por inflexões de hábitos, conceitos e pensamentos, contribuindo para termos uma nova perspectiva, no que diz respeito às lutas e conquistas históricas empreitadas pelas mulheres, cujos frutos estão sendo visíveis na atualidade onde diversas mulheres protestantes, executam lideranças eclesiais de várias funções, a exemplo de, ministra,

diaconisas, conselheiras, chefes de departamentos, pastora entre outras, que realizam suas tarefas com competência, amor e fé, inclusive estão realizadas enquanto sua atuação religiosa nestas funções em sua congregação, como verificado nos depoimentos apurados para esta pesquisa.

Este trabalho nos faz refletir sobre os discursos das mulheres entrevistadas, tendo em vista que, seus depoimentos nos remetem a questionamentos em relação a ausências de críticas, subserviências, faltas de anseios para modificação do status-quo, em relação à supremacia da liderança masculina nos espaços da Igreja. Os discursos das mulheres entrevistadas são reafirmados através da fé e do tradicionalismo.

Mesmo reconhecendo que elas conquistaram alguns espaços de destaque e liderança na Igreja IEBS, nos parece que estão sempre subordinadas às decisões dos líderes do sexo masculino para a realização do trabalho eclesial, no entanto, essa submissão é estabelecida de forma bastante subjetiva e de forma velada, ou seja, mesmo reconhecendo avanços na liderança feminina nessa Igreja as relações entre homens e mulheres permanecem assimétricas.

REFERÊNCIAS

- ABATH, Rachel Joffily, IRELAND, Timothy. Os Grupos de Mulheres no Estado da Paraíba na Conjuntura de Novos Espaços. *Informações e Sociedade: Estudos*, v.8, n. 1, 1998 – Disponível em <<http://www.ies.ufpb.br>> – Acessado em 10 de Junho de 2015.
- ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada: O velho e o novo testamento – Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil*, ed. corrigida e revisada – São Paulo, 2007.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. – São Paulo: Edições Loyola – 2ª edição, 2000.
- APOSTOLADO SPIRITUS PARACLITUS. *Escola Mater Ecclesiae*. 2013. Disponível em <<http://www.paraclitus.com.br>> Acessado em 02 de Maio de 2015.
- BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. *Igreja, Estado e educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito à educação* – São Paulo: s.n.; 2007.
- BORBOREMA, Fernanda Cristina Agra. *Concepções de Leitura: Implicações na Ação Docente para a Formação do Sujeito Leitor (Professor/Aluno)* – Dissertação de Mestrado – UEPB. 2014.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história* – São Paulo: Brasiliense, 2003. – (Coleção primeiros passos; 17).
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. *Campina Grande De(fl)orada Por Forasteiro: a passagem de Campina Patriarcal a Campina burguesa*. – Campina Grande, 2000.
- CISNE, Mirla. *Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social*. 1. ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- COSTA, Joedson Carlos Lucas da. *Representações Sobre a Formação de Professor na Escola: Reflexões a partir da Lei 10.639/2003* – Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação. 2010.
- COSTA, Patrícia Garcia. *A Influência do Discurso Religioso Mediatizado no Cotidiano das Mulheres Evangélicas*. *Eclesiocom, VII Conferência Brasileira de Comunicação* – São Paulo. 2012. Disponível em <<http://www2.metodista.br/unesco>> Acessado em 19 de março de 2015.
- CRUZ, Maria Isabel da. *A mulher na igreja, e na política*. 1. ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2013.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Cultura do Povo: Sociedade e Cultura no Início da França Moderna* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. (Coleção Oficinas de História).

DEL PRIORI, Mary. *Historia em movimento: Religião e religiosidade no Brasil colonial* – São Paulo: 4ª edição. Ed. Ática. 1997.

DELOISON, Charles Giry. *O nascimento do Anglicanismo*. História viva, 2015. – Disponível em <<http://www2.oul.com.br/historiaviva/reportagens>> Acessado em 03/05/2015.

ESCARIÃO, Gloria das Neves Dutra – GALIZA, Cíntia Jaqueline R. Bezerra – PINHEIRO, Flaubert Farias Guedes. *Globalização Diversidade e Religiosidade: Considerações sobre o ensino religioso e os efeitos da globalização na diversidade religiosa* – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

FONSECA, Andre Dione e FARIAS, Marcilene Nascimento de. *Relações de Gênero e Cultura Religiosa: Um estudo comparado sobre a atuação feminina na igreja evangélica Luterana do Brasil e Assembléia de Deus: Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, 4 – 1: 6-41, 2010.

FREITAS JUNIOR, Cleófas Lima Alves de. *As Narrativas da Memória de Mulheres no Protestantismo de Campina Grande – Paraíba: A Igreja Evangélica Congregacional (1927 – 1960)*. X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política. Recife, 26 a 30 de Abril de 2010.

G1 Brasil. País tem menor nível de adeptos do catolicismo desde 1872, diz estudo. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 2011. – Disponível em <<http://g1.globo.com/brasil/noticia>> Acessado em 11 de Junho de 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro* – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HATZEMBERGER, Dionísio. *Reforma Protestante*, Disponível em: <<http://www.hist-igreja.blogspot.com.br>> Acessado em 20 de Abril de 2015.

LUIZETTO, Flávio. *Reformas Religiosas* – São Paulo: Contexto. 1989 (Repensando a história).

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais*. Revistas de Estudos Feministas. Vol. 13 nº 2 Florianópolis May/Aug. 2005.

MARQUES, Leonardo Arantes. *História das Religiões: e a dialética do sagrado* – São Paulo: Madras, 2005.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. *Como escrever trabalhos de conclusão de curso: Instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos*. 8. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes -133 **As Reformas Religiosas na Europa Moderna VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37: p.130-150, Jan/Jun 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a08.pdf>> Acessado em 22 de Abril de 2015.

MOSER, Antonio. *O enigma da esfinge: a sexualidade*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*, São Paulo: contexto, 2008.

_____. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

PIRES, Álvaro. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais: IN: POUPART, J. et al. (Orgs.). A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos/ tradução de Ana Cristina Nasser. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia).

REIS, Jose Carlos. “Escola dos Annales” – A inovação em história. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

ROSÁRIO, Alexandra Costa de Santana do. e ROLDÃO, Flávia Diniz. A mulher e o trabalho eclesial: uma reflexão a partir do olhar evangélico. 2011. Disponível em <<http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia>>. Acesso em 05 de Maio de 2015.

SANTANA, Rosália. Conferência Primavera Mulher. IDEPS Águas Claras: DF. 2014. Disponível em <<http://www.conferenciaprimaveramulher.com.br>> Acessado em 02 de Maio de 2015.

SANTOS, Lyndon de Araujo. O Protestantismo no Advento da Republica no Brasil: Discursos, Estratégias e Conflitos – Revista Brasileira de Histórias das Religiões. ANPUH, 2010. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>>. Acessado em 10 de Abril de 2015.

ZILLES, Urbano. Filosofia da Religião – São Paulo: Paulus, 1991. – (Coleção Filosofia).

APÊNDICES



Questionário as Mulheres que Exercem Funções de Liderança na Igreja Protestante –
I E B S

Líder do Departamento de Missões

1 – Como Líder do Departamento de Missões a Senhora se sente realizada (feliz) em executar esta função na Igreja, ou pretende exercer outra atividade? Se pretende, Qual?

2- Como a Senhora enxerga a atuação das mulheres nos cargos de liderança dentro da Igreja?

3- A Senhora acredita que a mulher pode desempenhar qualquer cargo dentro da Igreja?



Questionário as Mulheres que Exercem Funções de Liderança na Igreja Protestante –
I E B S

Diaconisa

1 – Como Diaconisa a Senhora se sente realizada (feliz) em executar esta função na Igreja, ou pretende exercer outra atividade? Se pretende, Qual?

2- Como a Senhora enxerga a atuação das mulheres nos cargos de liderança dentro da Igreja?

3- A Senhora acredita que a mulher pode desempenhar qualquer cargo dentro da Igreja?



Questionário as Mulheres que Exercem Funções de Liderança na Igreja Protestante –
I E B S

Líder d\os Conselheiros (as)

1 – Como Líder dos Conselheiros (as) a Senhora se sente realizada (feliz) em executar esta função na Igreja, ou pretende exercer outra atividade? Se pretende, Qual?

2- Comoa Senhora enxerga a atuação das mulheres nos cargos de liderança dentro da Igreja?

3- A Senhora acredita que a mulher pode desempenhar qualquer cargo dentro da Igreja?



Questionário dos Pastores e de suas Esposas, Mulher que Exercem Funções de Liderança na Igreja Protestante – I E B S

Esposa do Pastor

- 1- Como Senhora ver a participação da mulher no ministério ?

- 2- A Senhora gostaria do espaço de liderança enquanto mulher protestante, como Pastora?

- 3- Como a Senhora se sente sendo a mulher do Pastor, sendo sua ajudadora no ministério pastoral?

- 4 -Quais são suas atividades na igreja como mulher do Pastor?

- 5- Como a Senhora ver o crescimento da atuação feminina no Protestantismo?

- 6- Em sua igreja quais responsabilidades ou cargos podem ser dados a mulher cristã que não é esposa de pastor?